



# ARTETERAPIA Cores da Vida

Ano 10 - Volume 18 - Número 18 - Janeiro – Junho - 2014

Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida

ISSN: 1809-2934

Disponível em: <http://www.brasilcentralArteterapia.org>

- Associação Brasil Central de Arteterapia -

## SUMÁRIO

### EDITORIAL

<b>Arteterapia: tocando a alma humana</b> <i>Ana Cláudia Afonso Valladares Torres (DF-Brasil)</i>	02
--	----

### ARTIGOS ORIGINAIS

<b>1 – O círculo arteterapêutico - conhecendo e reconhecendo o ser feminino</b> <i>Lucinara Betti &amp; Viviane Diehl (RS-Brasil)</i>	03
<b>2 - A Arteterapia como prática integrativa na medida socioeducativa de internação</b> <i>Paula de Souza Cardoso (PR-Brasil)</i>	17

### ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

<b>3 – Sobre deuses e heróis – o caminho do masculino nos contos de fada</b> <i>Sônia Branco (RJ-Brasil)</i>	23
<b>4 - Presença incondicional para resgatar a criança interior</b> <i>Gabriela Murgo (Argentina)</i>	30

### RESUMO TESE E DISSERTAÇÃO

<b>5 – Nova bibliografia atualizada de Arteterapia no Brasil-2014</b> <i>Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres (DF-Brasil)</i>	32
--	----

## EDITORIAL

---

### ARTETERAPIA: TOCANDO A ALMA HUMANA

O volume 18 apresenta experiências de Arteterapia ora seja resgatando o universo masculino e o feminino, ora seja, no resgate da criança interior de cada um ou, ainda, como práticas criativas e terapêuticas na saúde mental com adolescentes vêm possibilitando novos encontros tocando a alma do ser humano. Essa edição contempla, ademais, as referências bibliográficas arteterapêuticas brasileiras atualizadas para os leitores da área.

*Profª Ana Cláudia Afonso Valladares Torres*  
Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida

### Art Therapy: touching the human soul

The volume presents 18 art therapy experiences sometimes the male and the female universe, is now in the rescue of the child within each one, or even as creative and therapeutic practices in mental health with adolescents is recovering have enabled new encounters touching the soul of human. This edition includes, in addition, Brazilian readers updated for the area arteterapêuticas references.

*Profª Ana Cláudia Afonso Valladares Torres*  
Coordinator of Board Members of Editorial of the Scientific Magazine Arteterapia Cores of the Life

### El Arteterapia: tocando el alma humana

El volumen presenta 18 experiencias de Arteterapia a veces rescatando el universo masculino y el femenino, o a veces en el rescate del niño interior dentro de cada uno, o, aún, como prácticas creativas y terapéuticos en salud mental con los adolescentes han permitido nuevos encuentros que tocan el alma humana. Esta edición incluye, además, las referencias bibliográficas arteterapêuticas brasileñas actualizados para los lectores del área.

*Profª Ana Cláudia Afonso Valladares Torres*  
Coordinadora del Consejo Editorial de la Revista Científica Arteterapia Colores de la Vida

#### Nota

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos Editores e ou Conselho Editorial.

## ARTIGO ORIGINAL

---

### 1 - O CÍRCULO ARTETERAPÊUTICO: Conhecendo e reconhecendo o ser feminino

*Lucinara Betti<sup>1</sup>  
Viviane Diehl<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo aborda uma experiência com Arteterapia por meio de atividades artísticas junto a um círculo de mulheres, do Centro de Referência de Assistência Social, do município de Barra Funda, RS. Nosso objetivo foi de oportunizar a produção artística e criativa para a manifestação simbólica promovendo o bem estar das mulheres participantes do grupo. A revisão bibliográfica abordou os temas envolvidos que permeiam este estudo e os dados foram coletados nos dez encontros realizados com as mulheres, por meio de depoimentos, imagens, experimentações e percepções vivenciadas a partir das proposições para a criação e expressão com arte. As reflexões e a compreensão construída, dialogando com os autores de referência, possibilitaram identificar que a Arteterapia foi facilitadora da manifestação e da ampliação do campo simbólico, promovendo o bem estar e a autoestima das mulheres no processo de busca do caminho de individuação.

**Palavras-chave:** Terapia pela arte, Mulheres, Manifestações simbólicas.

#### Circle art therapeutic: Knowing and recognizing the female being

**Abstract:** This article discusses an experience with art therapy through artistic activities with a circle of women, the Reference Centre for Social Welfare, the municipality of Barra Funda, RS. Our goal was to nurture the artistic and creative for the symbolic manifestation promoting the welfare of women participating in the group. The literature review addressed the issues involved that permeate this study and data were collected in the ten meetings with women, through testimonies, pictures, experiments and insights from experienced propositions for the creation and expression in art. The reflections and understanding built, discussing authors of reference, possible to identify the interventions of art therapy were facilitating the manifestation and the expansion of the symbolic field, promoting the well-being and self-esteem of women in the process of pursuing the path of individuation.

**Keywords:** Art therapy, Women, Health Promotion.

#### Círculo arteterapêutico: Conocer y reconocer el ser femenino

**Resumen:** En el presente artículo se describe una experiencia con la arte terapia a través de actividades artísticas, con un círculo de mujeres, del Centro de Referencia de Asistencia Social, del municipio de Barra Funda, RS. Nuestro objetivo es fomentar la creatividad artística y la manifestación simbólica promoviendo el bienestar de las mujeres que participan del grupo. La revisión de la literatura abordó las cuestiones planteadas que impregnan este estudio y los datos fueron recogidos en los diez encuentros con las mujeres, a través de testimonios, fotos, experiencias y puntos de vista de las proposiciones para la creación y la expresión con arte. Las reflexiones y comprensión construidas, dialogando con los autores de referencia posibilitarán identificar que la arte terapia fue la facilitadora de la manifestación y la ampliación del campo simbólico, promoviendo el bienestar y la autoestima de las mujeres en el proceso de seguir el camino de la individuação.

**Palabras clave:** Terapia con arte, Mujeres, Promoción de la salud.

<sup>1</sup> Professora de Arte Educação no município de Constantina-RS. Licenciada em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade de Passo Fundo, RS. Especialista em Arteterapia pela Universidade de Passo Fundo, RS. Endereço para correspondência: Rua Franklin Siliprandi, 572/301, Constantina, RS, CEP: 99680-000. E-mail: lulubetti@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora artista na área Artes/Cerâmica, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Câmpus Feliz-RS. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria, Mestre em Educação, Arteterapeuta, Especialista em Cerâmica, Licenciada em Educação Artística-Habilitação em Desenho e Plástica, pela Universidade de Passo Fundo, RS. Endereço para correspondência: Rua Firmino Britz, 14/302, Feliz, RS, CEP 95770-000. E-mail: viviane.diehl@feliz.ifrs.edu.br

## Introdução

O presente artigo resulta de um estudo cujo principal objetivo é refletirmos acerca das contribuições da Arteterapia com um grupo de mulheres onde buscamos oportunizar a produção e a manifestação simbólica por meio de atividades artísticas para a promoção do bem estar e da autoestima.

Neste sentido, foram desenvolvidas técnicas e vivências arteterapêuticas para que aflorassem produções simbólicas significativas, promovendo uma reflexão crítica sobre questões do feminino. Além do que, oportunizar atividades que pudessem promover o bem estar, a autoestima, para o viver com alegria, por meio da expressão dos desejos, das idéias, da identidade feminina, facilitando o caminho para a individuação.

Foram realizados dez encontros, num total de vinte horas, com um grupo de seis mulheres, denominado Mulheres em Ação, no Centro de Referência de Assistência Social, do município de Barra Funda, RS.

Nesse estudo apresentamos, inicialmente, alguns conceitos de Arteterapia e seus procedimentos, a Arteterapia com as mulheres e a manifestação simbólica nas produções artísticas em Arteterapia. A seguir tratamos da intervenção arteterapêutica apresentando as propostas dos encontros realizados e o grupo colaborador para apresentar a discussão dos resultados com as reflexões sobre a compreensão acerca da manifestação simbólica das mulheres participantes buscando responder ao problema deste estudo.

### As possibilidades expressivas da Arteterapia: descobrindo circularidades

Por livre criação ou por mediação, o homem de um modo geral, dentro de sua cultura, utiliza diversos meios para demonstrar seu modo de ser, viver e agir. Através do uso de atividades artísticas, como meios de expressão na terapia, podemos permitir e auxiliar o ser humano adentrar e conhecer os registros inconscientes.

Nos encontros arteterapêuticos acontecem em três momentos distintos que se complementam. O primeiro deles é quando acontece a apresentação da proposta arteterapêutica, que é uma forma de preparação, a sensibilização que antecede a produção artística. Logo em seguida, acontece a realização da proposta artística arteterapêutica para a criação e expressão pessoal dos participantes e, por último, é o momento da reflexão, que também acontece durante a produção e envolve o diálogo sobre os sentimentos e sensações que surgiram durante a produção artística. É nesse momento de reflexão que o conteúdo criado passa a ser elaborado e compreendido pela pessoa que o produziu.

A Arteterapia é uma possibilidade para que os participantes possam elaborar recursos internos por meio de criações e produções artísticas que podem ser: pintura, colagem, desenho, modelagem, recorte, escultura, fotografia, gravura, dança, esquetes, música, entre outros. A partir destas proposições e com objetivo terapêutico, busca-se oferecer meios para a representação simbólica de sentimentos e emoções que podem transformar o pensamento em imagem para expressar o 'eu' interior considerando a bagagem cultural e a identidade do participante.

Para realizar as atividades arteterapêuticas podemos oferecer diversos materiais que possibilitam a liberação de sentimentos. Materiais como: tintas, giz de cera, tecidos, colas, imagens, pedaços de azulejos e tantos outros farão com que os desejos tomem formas nas manifestações simbólicas.

As técnicas artísticas e materiais que podem ser utilizados em Arteterapia são diversificados, cada um com suas possibilidades e limites, como escreve Philippini (2008), técnicas de colagem oportunizam uma criação mais tranquila, de fácil aceitação e com pouca dificuldade, mas ao mesmo tempo possibilita um campo simbólico com muitas possibilidades de organização, estruturação e integração. A pintura é uma técnica de fácil expansão, de experimentações, é um processo que ativa o fluxo criativo e sua utilização pode facilitar a liberação de conteúdos inconscientes. Já a técnica do desenho, permite expandir os movimentos gráficos, delinear e configurar, ampliar a coordenação viso-motora, bem como a percepção espacial. Na tecelagem podem ser exploradas propostas com objetivos de tramar, reunir, integrar, estruturar, organizar, enquanto que a técnica de costura e bordado estimula a paciência, a delicadeza, o ritmo harmônico e a ordenação. Quanto ao mosaico, estimula a reutilização de materiais, promove a percepção espacial, reencanta o olhar, ajuda a reintegrar, reunir, reordenar e a criação de personagens por meio de máscaras, bonecos, ativa o imaginário e a expressividade, promove a comunicação simbólica e a ordenação espacial, estrutura e elabora conteúdos inconscientes.

Este vasto repertório de técnicas e materiais, utilizados artisticamente, permitem a experimentação de sensações, a materialização de idéias e a expressão simbólica de sentimentos e desejos.

Na Arteterapia mediada pelo ato artístico, o participante focaliza sua energia utilizando os materiais disponíveis e transporta para a matéria a necessidade de compreender a si mesmo e ser compreendido. Este ato de fazer vai movimentando seus pensamentos e configurando com mais clareza sua identidade. Conforme escreve Urrutigaray (2011, p.55):

“o fazer arte é terapêutico, porque proporciona integração de uma personalidade, mediante a aplicação de técnicas e práticas expressivas, que tanto facilitam a

materialização de formas, doadas por conteúdos projetados, bem como permitem a identificação funcional das mesmas, já que possibilitam a sua integração, restituindo à personalidade os sentimentos acerca de si que estavam faltosos, dando ao sujeito que a utiliza como prática o deleite de desfrutar de si mesmo”.

No seu dia-a-dia, o ser humano vai acumulando cargas excessivas de pensamentos e sentimentos que necessitam ser externados. De acordo com Ciornai (2004), a Arteterapia é o caminho para o ser humano descobrir possibilidades de expressão, de figurar e reconfigurar, suas dificuldades, seus empecilhos nas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo, através das técnicas e materiais artísticos. As atividades artísticas proporcionam a busca pelo caminho da individuação concretizando pensamentos e sentimentos de autoconhecimento, pois permite acessar áreas em desuso e núcleos bloqueados da psique o que recupera o fluxo de energia psíquica pelo consciente, de símbolos que até então eram inconscientes. Esse fazer em Arteterapia origina diversos símbolos, figuras, imagens, e requer que sejam estudadas para compreendermos a expressão artística permeada de sentidos e significados.

A compreensão das estruturas simbólicas da linguagem visual é muito importante para o arteterapeuta que precisa estar sensível ao mundo externo que permeou a produção, conhecer o participante, suas crenças, seu meio social, pois sua vivência e seus referenciais estão diretamente ligados as suas produções.

Para Urrutigaray (2011, p.30 e 31), “a arte se converte em um elemento facilitador ao acesso do universo imaginário e simbólico, permitindo o desenvolvimento de potencialidades latentes ou rituais, bem como o conhecimento de si mesmo. Ao trabalhar com materiais plásticos, o indivíduo tem a possibilidade de criar uma nova forma a partir de uma forma original.”

Nesse processo de criar novas formas, expressar sentimentos, ressignificar idéias e concepções é que a Arteterapia pode possibilitar, a quem dela desfrutar, uma compreensão acerca dos conteúdos internos, das atitudes e escolhas vislumbrando possibilidades que se descortinam para o viver saudável.

## **O círculo feminino e a Arteterapia para a transformação**

Vivemos em uma época em que percebemos recorrentes discussões sobre o lugar das mulheres na sociedade. Entre mudanças e resistências, conforme Araldi (2005, p.191), as “alterações de valores e a necessidade constante de adaptação a diferentes posturas vêm desestruturando o psiquismo feminino (...), nesse universo caótico, a referência de feminino saudável parece perder-se”.

Com a correria do dia-a-dia, com as atividades rotineiras desenvolvidas pelas mulheres, que exigem multifunções, a mulher foi esquecendo-se de dar atenção a sua intuição e a sua psique instintiva. De acordo com Estés (1994, p.23), “quando perdemos contato com a psique instintiva, vivemos num estado de destruição parcial, e as imagens e poderes que são naturais às mulheres não têm condições de pleno desenvolvimento”.

Nessa falta de exploração íntima da psique instintiva a mulher pode ir aos poucos esquecendo seus poderes, sua sensibilidade. Desatenta a si mesma a mulher pode acabar deixando-se levar por forças exteriores limitando suas emoções, seu naturalismo, seus sentimentos e, principalmente, sua autoestima.

Para recuperá-los é necessária atenção e vontade e, um dos meios de se aproximar desse lugar, é com a Arteterapia. Este processo possibilita refazer o percurso de olhar para dentro de si mesma e remexer, recuperando dados, sentidos e significados que compõem sua essência feminina e criativa.

A Arteterapia possibilita “através da religação da mulher com seu princípio básico feminino e do reencontro com os aspectos profundos de sua feminilidade, especialmente a intuição, a criatividade e o poder de transformação, esclarecer e apresentar algumas portas e possíveis caminhos” (ARALDI, 2005, p.192)

Nesse processo de vivenciar o ser feminino, o espaço feminino vai sendo resgatado quando a mulher perdeu-se, esquecida em si mesma. Vivenciar essa terapia que encoraja e renova a criatividade com mulheres pode permitir abandonar velhos hábitos e padrões, ativando o potencial criativo e libertário, contribuindo para o processo de individuação feminina e potencializando a capacidade criadora (BARBOSA, 2006).

Para permitir que aconteça esse processo de individuação o arteterapeuta precisa estar atento para o que vai surgindo nos encontros e qual o caminho para a mulher se redescobrir em sua essência, fornecendo materiais para que haja a concretização de conteúdos simbólicos no plano artístico. Conforme Philippini (2009) é preciso oferecer aos participantes atividades plásticas e expressivas, sucessivas e quantas vezes for necessário, para permitir o fluxo de conteúdos inconscientes rumo à luz da consciência, até que sejam compreendidos.

No trabalho de Arteterapia com mulheres, procura-se estimular o surgimento de símbolos e arquétipos com a narração de mitos, contos, músicas e histórias aliadas às técnicas artísticas.

Muitas vezes as mulheres negligenciam suas próprias vontades, seus desejos, por receio de opiniões adversas aos seus pensamentos, por cobranças em seus ambientes de trabalho. Na negação de satisfazer seus anseios acabam por criar medos, traumas e distanciamento de sua própria subjetividade.

Com a realização de atividades artísticas em Arteterapia, as mulheres têm a possibilidade de ampliar a consciência sobre si mesmas, de redescobrir suas forças e, ao aproximar a vivência externa com o que seu íntimo deseja, podem atender aos pedidos e vontades femininas, para se libertar de paradigmas e conceitos. A mulher

está sempre em busca de descobrir conexões com o que há entre o passado e o que está interferindo na atualidade, criando uma convivência equilibrada entre consciente e inconsciente transcendendo a psique e atingindo a totalidade do ser feminino, a individuação.

O termo individuação, conforme Jung (2012, p.289), refere-se ao indivíduo na busca de uma unidade psicológica indivisível, um processo de desenvolvimento produzido pelo conflito saudável e necessário entre consciente e inconsciente. Conforme o autor é com o conhecimento de símbolos que se dá a união de conteúdos conscientes e inconscientes. “Da união emergem novas situações ou estados de consciência. (...) A meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção a totalidade”.

Essa busca da totalidade no ser feminino pode trazer a tona, nas produções artísticas, símbolos que sintetizam significações inconscientes do feminino - a mulher e seus sentimentos, seus interesses e desejos - em busca de compreendê-los gradativamente, o que contribui na tomada de uma nova consciência, na produção de novas descobertas e situa seu processo de individuação.

Na Arteterapia, um dos elementos que pode ser utilizado para se criar uma atmosfera favorável na busca da compreensão da alma feminina é o círculo. Estar em círculo produz uma ação instantânea de união, de importância no grupo.

Para Bolen (2003), o círculo traz aprendizado a quem dele participa, permite que as mulheres se apoiem umas as outras e através da conversa vão se descobrindo, possibilitando a troca de experiência e incentivando a coragem entre as participantes.

“Um círculo de mulheres é um espelho multifacetado no qual cada uma se vê refletida. O que cada uma vê de si mesma nas palavras e nos gestos das demais depende da capacidade de cada mulher, como espelho, de ser clara e compassiva. O que nós vemos depende da qualidade dos espelhos e da iluminação, que podem ser bondosos ou não pra nós, por mais que a imagem seja verdadeira. O que enxergamos em nós mesmas pode ser trabalhado e transformado” (BOLEN, 2003, p.91).

No círculo arteterapêutico - com as possibilidades de explorar o potencial artístico - o universo dos arquétipos femininos pode assumir diversas formas. Podem ser manifestados demonstrando amor, paixão, criatividade, simpatia, com aquilo que seja de interesse, ou mesmo, desprezo ao que não mobiliza. Criar círculos de mulheres interligados, conforme Bolen (2003), é uma excelente forma de comprometer e mover essas mulheres para o fortalecimento do ser feminino.

## **A manifestação simbólica feminina circulando nos processos arteterapêuticos**

Quando criamos simbolicamente, estamos procurando uma maneira de comunicarmos nossa existência, de registrarmos as relações que se estabelecem com os outros e com o mundo. O homem desde sempre teve a necessidade de registrar para perpetuar seu *modus vivendis*.

Para compreender essa tentativa de resgate do feminino, desenvolvido em nossa proposta de Arteterapia, precisamos compreender quais os elementos estão nas manifestações simbólicas.

Na Arteterapia por meio das diversas técnicas expressivas, as mulheres têm a possibilidade de construir e reconstruir seu ser. Nesse processo de produção são criados arquétipos e símbolos, muitas vezes, impulsionados pelo inconsciente.

De acordo com Jung (2012, p.14), “o arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta”.

Os arquétipos são os conteúdos da psique que compõem o inconsciente coletivo. Eles são expressos em sonhos, idéias, pinturas, desenhos e nos símbolos que o sujeito produz. Eles são a parte fundamental da estruturação da nossa personalidade. Os arquétipos são formas em que os conteúdos que os preenchem dependem de vários fatores.

Chevalier & Gheerbrant (2012, p.19), escrevem que os arquétipos “manifestam-se como estruturas psíquicas quase universais, inatas ou herdadas, como uma espécie de consciência coletiva; exprimem-se através de símbolos específicos, carregados de uma grande potência energética”.

Jung (2012) constatou que toda ação está intimamente ligada às experiências de nossos ancestrais e que nós as herdamos. Herdamos a capacidade de reproduzir uma idéia a ponto de com isso criarmos um mito e não simplesmente reproduzir uma imagem já existente. O inconsciente coletivo contém estas imagens arquetípicas que são as mesmas para todas as pessoas e que, caso traçássemos um passeio no tempo, veríamos que estas imagens têm resquícios da origem do homem. Arquétipos, portanto, são padrões hereditários que se manifestam através de imagens de forma semelhante dentro de um mesmo grupo.

Para Baptista & Ribeiro (2001, p.4), “os arquétipos enquanto estruturas vazias são “fôrmas” que ganham formas na imagem arquetípica que os mitos e o fazer artístico tão bem atualizam. A Arteterapia trás para o

concreto os símbolos que preenchem as fôrmas, colorindo-as com os mais diversos conteúdos. Conteúdos estes que, se por um lado falam do percurso de cada um, por outro, contam a história da humanidade – e, desta forma, abrem espaço para o significado chegar à consciência.”

Na Arteterapia os arquétipos tomam forma, cor, conteúdo e se concretizam em imagem de acordo com a necessidade e a expressividade daquele que está produzindo. É preciso oferecer subsídios, materiais para que aflorem, juntamente com os arquétipos, os significados e o insight que motivaram as produções arteterapêuticas.

O fazer artístico em Arteterapia permite que conteúdos inconscientes venham a se tornar conscientes através de imagens, possibilitando a compreensão de dramas e acontecimentos na vida das mulheres.

Conforme Jung (2008, p.312), “com a sua propensão de criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais”.

O símbolo não tem limites nem barreiras, pois o mesmo símbolo pode aparecer em diversos trabalhos artísticos e com diferentes intenções, sem ao menos terem ligação entre eles. De acordo com Philippini (2008, p.20), “símbolo é o resultado da energia psíquica de quem trabalha e o material expressivo utilizado, plasmando formas, criando e recriando mundos obscuros ou esquecidos, expressando dores e esperança de vir a ser”.

O símbolo está ligado ao plano material, enquanto os arquétipos se relacionam ao plano das diferentes realidades. Arquétipo é aquele símbolo que está manifestado no inconsciente, no imaginário coletivo.

Com o aprofundamento de técnicas artísticas e conforme o processo arteterapêutico vai evoluindo, as mulheres vão se deparando com suas próprias produções e se dando conta do arcabouço de símbolos que o permeiam. Quando essas mulheres se questionam sobre suas produções elas vão se aproximando de sua elaboração consciente. O arteterapeuta é indispensável na contribuição tanto de reflexões quanto no auxílio de materiais e técnicas artísticas para que aconteça uma exploração crescente de símbolos, ajudando a mulher a encontrar seu caminho para a individuação.

De acordo com Urrutigaray (2011, p.30), na Arteterapia com mulheres, “a arte se converte em um elemento facilitador ao acesso do universo imaginário e simbólico, permitindo o desenvolvimento de potencialidades latentes ou rituais, bem como o conhecimento de si mesmo”.

Na Arteterapia o universo imaginário tem a possibilidade de ser mais bem compreendido, mais explorado em prol daqueles que estão a margem de caminhos obscuros e questionadores da existência feminina.

Esta abordagem da Arteterapia como veículo de produção de imagens, especificamente com um grupo de mulheres, pode permitir percorrer um pouco dos significados e sentidos das produções do inconsciente que ordena as estruturas simbólicas e a produção por meio das linguagens artísticas como produto do imaginário.

## **Métodos: O círculo de mulheres em ação**

O grupo Mulheres em ação, composto por seis colaboradoras, com idades entre 38 a 47 anos, beneficiadas por programas sociais, especialmente o Bolsa Família, encontravam-se uma vez por mês no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), do município de Barra Funda. Passamos a nos encontrar semanalmente, todas as segundas-feiras à tarde. As mulheres já se conheciam e apresentavam um bom relacionamento. Possuíam uma boa comunicação oral e curiosidade sobre o encontro. A situação sócia econômica das participantes era de vulnerabilidade. Somente uma delas mora na zona rural, as demais moram na zona urbana.

Antes de iniciarmos os encontros, as mulheres já haviam mostrado interesse de frequentar o CRAS uma vez por semana, o que coincidia com a proposta em Arteterapia. As mulheres encontravam-se uma vez por mês e realizavam atividades de artesanato, como pintura em tecido e crochê. O desejo e o objetivo do grupo com os encontros estavam na necessidade de aprender técnicas artesanais, para “passar o tempo”, ou para produzir peças de uso em suas casas.

A partir da observação e com os depoimentos de cada uma das mulheres, fomos colhendo as informações e elaboramos o perfil individual, cujos pseudônimos fazem referência às deusas por alguma semelhança com as características pessoais das mulheres, retiradas do livro “O Oráculo da Deusa”, de Amy S. Marshinsky (2007). Afrodite recebeu este nome, pois sempre fez seus trabalhos com cores vermelhas e por falar muitas vezes de amor e paixão. Relacionamos à deusa Ártemis, pois conforme relatou ajudou a fazer o parto de sua neta. Também por ser mulher de opinião própria, que muitas vezes saía sozinha às festas por que seu marido não a acompanhava. Já Deméter recebeu esse nome, pois sempre se apresentou nas conversas e trabalhos muito sentimental e emocional. A mulher que recebeu o nome da deusa Héstitia sempre foi a defensora de sua família e zelava muito pelo bem estar do seu lar. Ísis recebeu este nome, pois a mesma sempre demonstrou muito afeto e carinho aos filhos. Já Sulis foi uma mulher de fala mansa e que apesar das adversidades da vida se manteve sempre calma.

**Afrodite** – tem 42 anos, é casada e tem dois filhos: uma filha casada que está morando em Caxias do Sul e um menino que mora com ela e seu marido. Frequentou até a 5ª série do ensino fundamental. Havia participado do segundo encontro e depois por não estar se sentindo bem, não participou de dois encontros seguintes, mas quando retornou ao grupo, fez-se sempre presente.

**Ártemis** – tem 47 anos, casada e mãe de três filhos homens. Dois deles convivem com ela e seu marido e um deles mora no Rio de Janeiro. Este último não tem uma boa relação com o pai, é lembrança constante em seus trabalhos nos encontros de Arteterapia. Estudou até a 5ª série. Sempre falante e fazendo brincadeiras com as colegas e a arteterapeuta.

**Deméter** – tem 40 anos, é casada e mãe de três filhos homens. Tem o Ensino Médio completo. Relatou que já teve, em dois momentos de sua vida, um quadro depressivo. Para melhorar a qualidade de vida sempre está envolvida com grupos de projetos sociais e trabalhos artesanais. Ano que vem vai se tornar vovó de uma menina, pois sua nora está grávida. Motivo que lhe dá mais ânimo e vontade de viver, segundo ela.

**Héstia** – tem 38 anos, é casada, tem dois filhos: uma menina e um menino. Coursou até o 1º ano do Ensino Médio. Héstia sempre trabalhou em empresas, mas depois do nascimento de seu segundo filho resolveu se dedicar somente ao lar e aos filhos deixando de trabalhar fora de casa. Relatou que sempre está fazendo trabalhos manuais para se distrair e conseguir uma renda extra.

**Ísis** – tem 43 anos, é casada e tem um filho e três filhas. Em sua casa moram ela, o marido e as duas filhas mais novas. Estudou até a 4ª série. Ísis foi a mais assídua, não faltou a nenhum dos encontros. Sua queixa constante nos encontros é a saudade do filho que mora em Passo Fundo e não vem visitá-la. A mais velha das filhas está casada e mora em Constantina. Segundo relatos da mesma teve depressão quando descobriu que estava grávida de sua filha mais nova, que hoje tem cinco anos.

**Sulis** – tem 39 anos, é casada e tem uma filha. Estudou até a 4ª série. Sempre de fala mansa e muito calma nos encontros. Relatou que seu marido tem depressão e que ela precisa fazer companhia constante a ele. Falou muito da desunião da família, pois segundo Sulis alguns familiares moram próximos a casa deles e sempre estão opinando e fazendo intrigas, o que acaba sendo inconveniente, piorando a saúde de seu marido.

Essas mulheres foram as seis participantes dos encontros de Arteterapia com as quais desenvolvemos a proposta arteterapêutica apresentada a seguir.

### **As propostas arteterapêuticas: vivências num universo feminino**

As atividades artísticas de Arteterapia que foram desenvolvidas com o grupo tinham como objetivos explorar e ampliar o potencial simbólico das mulheres envolvidas no processo, bem como, promover o bem estar, a autoestima e o autoconhecimento para uma vida saudável.

Foram realizados dez encontros, num total de vinte horas, tendo como princípio de envolvimento e fortalecimento no grupo, a presença das formas circulares, símbolo arquetípico da totalidade, da harmonia universal. No tapete, no guardanapo, na mandala de feltro ou na organização espacial das próprias mulheres, foi dada importância a esse elemento simbólico para criarmos uma unidade e estimular a importância de cada uma no grupo.

Combinamos fazer o primeiro encontro e compareceram cinco mulheres, duas delas deixaram de frequentar depois de dois encontros e outras três, Afrodite, Sulis e Héstia participaram dos encontros de Arteterapia, semanalmente, com duração de duas horas, cujas propostas serão apresentadas de forma breve.

No primeiro encontro foi oferecido o material de pintura, nanquim preto e guache para as mulheres pensarem em uma situação problema, pingar nanquim na cor preta sobre o papel, assoprar para que esse pingo se espalhasse sobre a folha e imaginar que estavam externando uma situação pensada. Em seguida, pedimos que buscassem uma solução colorida para a mancha negra e oferecemos tinta guache de todas as cores. Essa atividade teve como objetivo a expressão simbólica, a reflexão sobre algum problema recente e fazê-las perceber uma possível solução.

No encontro seguinte realizaram a atividade “Jardim da vida”, que teve como proposta o desenho de três canteiros: para o passado, para o presente e para o futuro. Essa atividade foi realizada para motivar, através da produção simbólica, a recordação de acontecimentos, reflexões sobre o que estão vivendo e o que pretendem vivenciar.

No terceiro encontro as mulheres produziram uma boneca de pano com costura à mão, a partir do conto russo da “Vasilissa” (ESTÉS, 1994, p.100-106). Nesse encontro o objetivo foi a construção da boneca como mobilizadora da autoestima e da intuição feminina, proporcionando a reflexão sobre o viver enquanto costuravam.

No quarto encontro, exploramos o elemento fogo, as mulheres queimaram papéis onde estava escrito algum fato que gostariam de excluir de suas vidas. Em seguida, realizaram a pintura com giz de cera derretido na chama da vela sobre papel. Nosso objetivo com essa proposta foi de pensar o novo ser que pode surgir com a libertação e com a exploração da intuição, a partir da produção simbólica.

No encontro seguinte foram realizados dois colares, com contas, miçangas, canutilhos e fio encerado. A proposta deste encontro estava em trabalhar num dos colares um sentimento que cada uma considera cultivar e, no outro, um sentimento que gostaria de adquirir ou fortalecer.

No sexto encontro apresentamos a proposta de tear em uma caixa de sapatos. Nosso objetivo com essa proposta foi de realizar uma reflexão por meio do ato de tecer, acerca de atividades que as mulheres não gostam de realizar e, por último, representaram no tear o que gostariam de realizar do que ainda não conseguiram.



Como atividade do sétimo encontro, propomos a construção de um mosaico sobre um azulejo quadrado, com cacos de azulejos e pedaços de xícaras, para possibilitarmos a representação simbólica a partir do processo de destruir e reconstruir proporcionado pelo mosaico e as relações com a vida.

Nos três últimos encontros foram produzidas máscaras a partir do rosto de cada uma das mulheres, com atadura gessada. Primeiramente, fizemos a máscara, foi quando indicamos os nomes das deusas que foram atribuídos a cada uma delas, unindo as características que foram colhidas com o passar dos encontros. Na sequência, as mulheres pintaram e decoraram a máscara a partir da imagem da deusa escolhida para cada uma. E, ao final dos encontros, no encerramento, dançaram com as máscaras para a construção de uma nova personagem inspirada em uma deusa, no sentido de fortalecer o ser interior e o poder internalizado de cada mulher.

Estas experimentações e vivências no círculo de mulheres geraram possibilidades para a compreensão do processo arteterapêutico.

## Resultados e discussão

### O círculo arteterapêutico: (re)conhecendo o ser feminino em si

Na Arteterapia a produção simbólica por meio dos processos da arte torna passível de reflexão e contribui para apontar caminhos dos conflitos internos pessoais. A produção artística e expressiva é um elemento vivificador de novas experiências.

Assim, apresentamos algumas reflexões e compreensões sobre as experiências vivenciadas com as mulheres do grupo de Arteterapia, a partir das produções desenvolvidas nestes encontros, dos processos vivenciados e dos limites e possibilidades da criação e expressão simbólica neste contexto.

Destacamos que a forma circular foi um elemento introduzido nas propostas que, como escreve Bolen (2003), sobre sua experiência com um grupo de mulheres, os encontros foram se tornando especiais e confortavelmente familiares, as mulheres se sentiam mais envolvidas e importantes no grupo. A cada encontro também ficava a expectativa de como esse círculo, como elemento arquetípico de unidade, se abriria para uma nova concepção e como ele se fecharia, ao final da atividade, considerando a experiência vivenciada.

Um dos acordos para o círculo acontecer de forma saudável, está em defini-lo como círculo seguro, garantindo que o vivido dentro dele é tratado com respeito e confiança. “Quando a psique de uma mulher está gestando uma idéia do que poderá ser feito ou do que poderá tornar-se, ser ridicularizada aborta o que poderia emergir” (BOLEN, 2003, p.75).

Como primeira proposta, apresentamos o material de pintura e percebemos que mesmo sendo o primeiro encontro, não houve inibição e as mulheres produziram, aguardando condicionadas a certa dependência, para que fosse dito como deveriam fazer a pintura.

No momento da reflexão, Átemis expôs que, *as bandeirinhas significam que eu gostaria que o meu filho voltasse a conversar com nós. Coloquei flores, encher a casa de flores para receber ele. Ele só quer conversar com a mãe. Eu fico dividida, fico no meio da briga, pois é marido e é filho.* Assim, ela manifestou em sua fala o desejo da mãe pronta para receber o filho e lhe dar amor, carinho e atenção. Identifica-se aqui o arquétipo materno bom que, conforme Jung (2012), tem em seus atributos a sabedoria além da razão, a bondade, aquele que cuida, protege e sustenta, o que proporciona fertilidade e alimento.



Figura 1: Pintura de Ártemis  
 Fonte: Arquivo de imagens da pesquisadora

As flores e as bandeirinhas seriam os elementos que fariam a recepção para o filho que retorna, assim como podemos perceber que seu coração também está esperando sua volta.

No encontro seguinte somente Ísis se fez presente e a idéia de círculo estava nos objetos circulares onde compunham o ambiente. Neste momento a atividade 'Jardim da vida' permitiu a Ísis refletir sobre o que já viveu, o que está vivendo e quais os sonhos e objetivos para o futuro.



Figura 2: Desenho de Ísis  
 Fonte: Arquivo de imagens da pesquisadora

No momento da reflexão, após a conclusão da atividade, Ísis apontou para o canteiro relativo ao passado, no qual estavam representadas duas figuras, sendo uma menina e a outra de um menino, relatando: *Eu e meu primeiro namorado. Aí eu engravidei dele quando tinha 15 anos e ele me deixou. Ele nunca assumiu e o filho é a cara dele. Nesse canteiro eu fiz somente flores, para mim representa alegria.* (apontando para o canteiro relacionado ao presente). *Tem o sol e as nuvens por que às vezes tem sol e é bom, mas às vezes as nuvens encobrem o sol. E para o futuro eu fiz minha família, eu, meu marido e meus filhos. Para nós ficarmos bem juntos e unidos.*

Conforme a própria Ísis verbalizou e podemos observar no desenho, as flores simbolizam a alegria que está vivendo atualmente. Podemos dizer que também foi feliz no passado até o momento em que houve a ruptura pela descoberta de sua gravidez. Posteriormente, superou as dificuldades, encontrando novamente motivos para se alegrar em sua vida familiar. As flores, segundo Ormezzano et al (2005), simbolizam a vitalidade da vida, a alegria em viver, a renovação da esperança. O sol é símbolo de renascimento pelo seu ciclo de se pôr e nascer a cada novo dia; as nuvens são símbolos de transformação, de metamorfose, do processo de vir a ser, conforme Chevalier & Gheerbrant (2012).

No encontro seguinte, observando as mulheres do grupo, sugerimos a confecção da boneca para melhorar a autoestima e a confiança em si mesmas a partir da intuição. Para iniciarmos o encontro, fizemos a leitura do conto russo "Vasalissa", do livro Mulheres que correm com os lobos, da autora Clarissa Estés (1994, p.100-106).

A boneca é um elemento muito significativo para nós mulheres, brincamos quando crianças e, muitas vezes, nos identificamos com ela. No conto citado, a boneca representa a intuição feminina, aquela voz interior que as mulheres possuem, encorajando a tomar decisões, mesmo sem saber onde encontrar as respostas. De acordo com Estés (1994, p.99), "a intuição é o tesouro da psique da mulher. Ela é como um instrumento de adivinhação, como um cristal através do qual se pode ver com uma visão interior excepcional". Podemos renovar e alimentar a intuição feminina para que possamos usufruir dela na tomada de decisões.

A construção da boneca principiou um momento de busca interior, de remexer os guardados da memória, relembando quando produziam as próprias bonecas para brincar com a ajuda de mães ou avós. As mulheres dedicaram tempo e cuidado para realizar a boneca. No final conversamos sobre a produção e Sulis comentou: *me lembrei da minha mãe, que ela fazia bonecas de pano para nós brincarmos, mas hoje em dia as crianças não dão importância para isso.*

Segundo Estés (1994, p.116), a boneca representa o espírito interior das mulheres, o talismã, a voz da razão e da conscientização íntima. "Acredita-se que as bonecas sejam impregnadas de vida por quem as criou. Elas são empregadas como símbolos de autoridade e talismãs para lembrar à pessoa da sua própria força." *Vou*

*guardar a minha primeira boneca para lembrança*, comentou Héstia. A Arteterapia facilitou a mobilização de lembranças e memórias e possibilitou realizar um desejo de infância.

A atividade seguinte abordou o elemento fogo, que é relacionado à intuição, como possibilidade de regeneração a partir do acontecimento que gostariam que fosse excluído de suas vidas, queimado pelo fogo, refletindo sobre o que surgiria dessa transformação. Para sensibilizar o círculo de mulheres, lemos o mito “A Fênix” de O Livro de Ouro da Mitologia (BULFINCH, 2006, p.205-206).

No início, o procedimento técnico provocou estranhamento, já que não haviam realizado nada parecido até então. Segundo Chevalier & Gheerbrant (2012), simbolicamente o fogo é ambivalente, por um lado parece ter vida, quando aquece e ilumina, por outro lado pode causar dor e morte.

Conversando sobre os resultados Ártemis disse: *Desenhei uma árvore mais aberta, para abrir caminhos. Fiz um M de mãe sofrida, mas que gera a vida. Mais aliviada depois que queimei, esse problema é anos que está comigo*. Compreendendo a relação de Ártemis entre a árvore e a figura de mãe, há uma proximidade de conceitos, pois, segundo Chevalier & Gheerbrant (2012, p.84), a árvore é “símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão ao céu. É feminina, nutridora e possui ainda uma imagem de quem abriga se assemelhando à Grande Mãe”. Ártemis explorou expressivamente um símbolo do inconsciente coletivo, a árvore é relacionada ao arquétipo da Grande Mãe, aquela que alimenta e protege, que está vinculada ao solo e se projeta para a eternidade (ORMEZANO et al., 2005).

Deméter comentou: *desenhei corações representando o amor e os pingos, a união. Pássaros para representar liberdade, para me libertar do problema que eu queimei. Flores para representar a alegria*. Sem perceber conscientemente, durante a produção artística, Démeter havia deixado o coração que a representava inacabado e ao refletir e expressar sua compreensão, disse que a relação com o seu marido estava fragilizada. Deu-se conta que representou simbolicamente na produção artística o reflexo do estado de seu próprio coração, como símbolo dos sentimentos, das relações amorosas, percebendo que não está completo, pois não está se sentindo amada pelo marido.

Essa conscientização de sentimentos que Démeter vivenciou dá sentido à Arteterapia, pois proporciona através das constantes “interações surgidas pelo diálogo estabelecido entre autor e obra, favorecem a integração dos conteúdos materializados na obra restabelecendo-se o sentido de suas atitudes anteriores” (URRUTIGARAY, 2011, p.30).

No encontro seguinte, houve a possibilidade da construção de dois colares para fortalecer a autoestima e a identidade feminina e, enquanto faziam os colares, buscavam representar num deles um sentimento bom que consideravam já ter e, no outro, um sentimento que precisavam fortalecer.

O colorido das contas e miçangas encantou as mulheres promovendo um bem estar visível ao realizarem essa atividade. Elogiavam e admiravam os seus colares, bem como os das colegas. Ao final da atividade construímos novamente o círculo e foi solicitado que cada uma entregasse um dos colares para a colega ao lado dizendo o nome da colega e qual o desejo que estava entregando. Doaram a colega o sentimento bom que já possuíam.

Conforme Bolen (2003, p.99), “um círculo são mulheres inventando seus próprios rituais e celebrações, seus próprios ritos de passagem, comemorando tudo aquilo que tem um significado”. Esse rito deixou-as muito satisfeitas e felizes, e pudemos perceber que o círculo ativa e conecta a energia dos envolvidos. Ao final, confirmaram que receberam das colegas exatamente o sentimento que precisavam fortalecer naquele momento.

Os adornos, em diferentes grupos e crenças, demonstram o pertencimento e a identificação da pessoa a determinado coletivo. No caso do círculo de mulheres, os colares promoveram a interação com a autoimagem e a expressão corporal de si, com a apresentação para além do grupo de Arteterapia, pois saíram do encontro usando seus colares. Ártemis ainda ressaltou: *eu vou ir para casa usando e vou dizer a quem perguntar que fiz na aula de Arteterapia*. Isso reflete a importância que os encontros arteterapêuticos passaram a ter na vida dessas mulheres, pois além de estarem se sentindo melhor, valorizaram as experiências e o desejo de que as outras pessoas percebessem o que estava acontecendo, o reconhecimento de si pelo outro.

De acordo com Branden (1997, p.10), “quanto maior a nossa autoestima, mais bem equipadas estaremos para lidar com as dificuldades da vida: quanto mais flexíveis formos, mais resistiremos à pressão de sucumbir ao desespero e a derrota”. Com o fortalecimento da autoestima através da Arteterapia a mulher pode desenvolver suas relações sociais mais saudáveis e mais alegres.

Prosseguindo com os encontros, um pequeno tear feito com caixa de sapatos movimentou a reflexão sobre o que faziam e não gostavam, pensando no que gostariam de realizar para melhorar a vida.

O ato de tecer, para Philippini (2009), relaciona-se com o viver e, organizando, estruturando vamos tecendo nossa linha biográfica, cujas construções existenciais exigem que saibamos tramar os fios da vida. Neste contexto a Arteterapia vai desafiando, gerando perguntas e reflexões acerca da vida das mulheres, o que contribui para que o fio da vida possa ter mais resistência ao construir aspectos simbólicos na urdidura de suas existências, permitindo o constante vir a ser.

Foi feita a leitura do livro “A Moça Tecelã”, da escritora Marina Colassanti (2004) e encaminhamos a proposta para tecerem algum objeto que representasse uma atividade que precisam realizar cotidianamente, e que não gostam. Assim que concluíram a primeira parte pedimos que desfizessem ou incluíssem esse objeto na

seqüência da proposta que questionou: “Se você tivesse o tear da “moça tecelã” o que gostaria de tecer para melhorar seu dia, sua vida?”

No primeiro momento da atividade apareceram objetos relacionados aos afazeres da vida doméstica, como ferro de passar roupa e vassoura. Cada uma das mulheres relatou que realizavam afazeres domésticos, mas algumas não gostavam de passar roupas, outras não gostavam de varrer e lavar a louça.

No final da atividade fizemos a reflexão sobre o ato de tecer e sobre o que representaram. Afrodite colocou: *eu queria que a minha filha estivesse morando comigo. Fiz um sol para significar a harmonia da minha família, um ambiente bom e de muito amor que agora nós estamos vivendo.* Afrodite menciona o sol, o arquétipo que realmente, irradia harmonia e felicidade. Alegria por viver momentos felizes em sua família. O sol, conforme Chevalier & Gheerbrant (2012), é fonte de luz, do calor, da vida.



Figura 3: Tear de Afrodite

Fonte: Arquivo de imagens da pesquisadora

Realizamos a técnica do mosaico para que as mulheres refletissem sobre problemas e dificuldades, que muitas vezes as mobilizam para reorganizar a vida e o modo de ser. O processo foi feito silenciosamente pelas mulheres refletindo e estabelecendo relações desse fazer com suas vidas, para que resultasse em algo novo e motivador. Quando terminaram, conversamos sobre desconstruir e reconstruir organizando uma nova estrutura. Sobre isso, Deméter comentou: *parece fácil, mas não é, exige dedicação e concentração. Colocando, construindo é como nós, um dia a gente está quebrada e depois se reconstrói. Mais uma batalha que a gente venceu. Como é bonito ver ele pronto. Nós falamos: 'estou de coração partido', já pensou um coração assim todo quebrado?*

Ela se remete novamente a figura simbólica de um coração, expressando verbalmente, uma situação vivenciada e ainda não resolvida no relacionamento conjugal, segundo ela define, o marido é opressor, não a deixa tomar decisões e fazer suas próprias escolhas.



Figura 4: Mosaico de Démete  
 Fonte: Arquivo de imagens da pesquisadora

Afrodite falou: *eu tive que organizar as peças, assim é a nossa vida. Gostei de fazer, quando a gente está bem tudo fica bonito. Eu adoro fazer essas coisas, estou me sentindo muito bem agora.* Esta fala contempla os objetivos da Arteterapia em promover o bem estar e facilitar o processo de autoconhecimento por meio da expressão artística e enfatiza os processos do fazer. Segundo Ostrower (2010, p.69), o ato de fazer, está condicionado a elaborar, transformar e atuar a partir da matéria para a expressão criativa. “São experiências existenciais – processos de criação – que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. É experimentar. É lidar com alguma materialidade e, ao experimentá-la, é configurá-la.”

Héstia comparou o mosaico com a própria vida: *para destruir as coisas é bem rapidinho, mas reconstruir exige mais paciência, mais tempo, mais dedicação. Quando as coisas não vão bem parece que nada se ajeita, depois passa e tudo vai melhorando.* Fica claro que o mosaico é uma técnica que promove a reestruturação e pode ser claramente relacionado com a vida, assim como as mulheres o fizeram. O mosaico pode mobilizar o que Jung (2008) denomina de força que está em todo ser humano para organizar o caos, ampliar a consciência, reorganizar o pensamento.

Foi com a prática arteterapêutica por meio do mosaico que as mulheres puderam refletir e expressar seus pensamentos, observando possibilidades de reorganização, conscientes das mudanças e promovendo uma nova ordem das coisas, “As experiências com mosaico nos auxiliam a organizar o mosaico interno de afetos, emoções e memórias” (PHILIPPINI, 2009, p.82).

Nos últimos três encontros as máscaras mobilizaram a construção de uma outra personagem inspirada em uma deusa, fortalecendo a reflexão sobre o ser interior da mulher.

A máscara surgiu a partir da face de cada uma das mulheres, modelada com atadura gessada. Conforme foram tirando a máscara de seus rostos, descreveram a sensação experimentada. Sobre isso, Héstia colocou que *no começo a sensação era de descanso e depois, conforme o procedimento foi mudando, começou a esquentar e ficar pesado. Só consegui relaxar e refletir um pouco.* Assim relatou sua primeira experiência ao fazer a máscara, onde o aprisionamento tornou-se perceptível gerando o medo e a insegurança perante o desconhecido.

O trabalho com as máscaras suscitou um momento de reflexão sobre a vida, conforme Démeter e Afrodite relataram. Ártemis disse: *na hora em que tirei a máscara tive a sensação de estar tirando um peso.* Todas as mulheres comentaram que passados alguns minutos, quando estavam com a máscara, começaram a sentir desconforto e uma vontade de *tirar logo o peso do rosto.* Conforme Philippini (2009), nesse processo de construção da máscara as pessoas ficam apreensivas e com medo de asfixia e há sensação de claustrofobia, algumas até relacionam com máscaras mortuárias.

No encontro seguinte, apresentamos os nomes das deusas e uma imagem, daquelas que foram atribuídas a cada uma delas como elemento mobilizador da criação para a finalização da máscara, disponibilizando diferentes materiais. Nesse dia as mulheres do grupo abriram mão do controle e foram levadas “pelos caminhos do inconsciente, cuja revelação é facilitada através da impossibilidade das mãos controlarem integralmente o processo e da imprevisibilidade do trabalho criativo” (PHILIPPINI, 2009. p.100).



Figura 5: Máscaras produzidas pelas participantes  
 Fonte: Arquivo de imagens da pesquisadora

As mulheres aceitaram e viveram, profundamente envolvidas, como Héstia disse: *hoje no pintar ficou a curiosidade de como sairia, eu consegui atingir meu objetivo.* Démeter falou que se sentiu *muito poderosa e*

*importante pintando sua outra face.* Sulis afirmou que *adorou esse momento de demonstrar a criatividade* e que não havia imaginado fazer algo tão bonito. Afrodite disse que *adorou pintar a sua face* e que estava se sentindo *chique*.

A autoestima gera um processo inspirador e influenciador do potencial criativo, “é a confiança em nossa capacidade de pensar e enfrentar os desafios básicos da vida, a confiança em nosso direito de ser feliz, a sensação de que temos valor, de que somos merecedores, de que temos o direito de expressar nossas necessidades” (BRANDEN, 1997, p.22).

Na Arteterapia, a autoestima, o bem estar, o autoconhecimento podem ser desenvolvidos através da criatividade. Para Tommasi (2012, p.59), o fato de criar “libera o sofrimento inconsciente, narra a história de vida que o dilacera e que muitas vezes não é verbalizada, pois não há palavras para compor essa narrativa”.

Observando as mulheres e de acordo com suas falas a máscara representou uma extensão do próprio ‘eu’, revelando uma nova personagem, a deusa que permeou a atividade. Utilizando as máscaras as mulheres deixaram de lado as características pessoais habituais e passaram a representar as qualidades de sua nova personagem. “É bom lembrar-se das duas inseparáveis companheiras, que são como as duas faces da mesma moeda: a persona e a sombra. Na materialidade dos procedimentos arteterapêuticos, a máscara claramente revela o que tenta esconder” (PHILIPPINI, 2009, p.99).

A consciência de tomar para si uma nova persona é importante e ajuda no desenvolvimento da personalidade. A sombra é a parte da personalidade que tentamos por vezes, esconder, mas aceitá-la e fazer um acordo, é o caminho para a individuação, para a busca da totalidade.

Quando foram convidadas a falar sobre as atividades arteterapêuticas, Ísis disse que a Arteterapia melhorou sua vida, que está se sentindo mais feliz e se conhecendo melhor. Afirmou que está falando e expondo mais seu ponto de vista em casa e, fazendo a sua avaliação sobre as propostas, disse: *adorei fazer os colares, as mandalas e a máscara*, lembrou essas atividades artísticas, pois segundo ela, foram os que mais promoveram sua autoestima e sua alegria em criar arteterapeuticamente.

Deméter logo foi falando que a Arteterapia melhorou sua vida: *deixei de lado as lágrimas e vi mais alegria em meu rosto e na minha casa. Com a máscara me descobri uma nova mulher, uma deusa. Estou acreditando mais em mim e na minha capacidade.* Héstitia disse que adorou fazer a máscara e que gostou de dançar e extravasar sua energia com a dança. Achou importante fazer terapia com as colegas contando as coisas boas, os momentos tristes e os desejos.

Na Arteterapia com as mulheres, a satisfação e o bem estar resultaram de ações e opiniões conscientes do agir e do sentir feminino. A atividade criativa, conforme Ostrower (2010), exige várias ações para ir ao encontro de novas opções que surgem durante o trabalho, isso exige continuamente uma mobilização interior, de considerável intensidade emocional.

Com a autoestima sendo trabalhada, as mulheres foram se sentindo cada vez mais capazes e mais felizes, o que resultou na satisfação ao realizar as atividades artísticas, e como escreve Branden (1997), quanto maior nossa autoestima maior a probabilidade de sermos mais criativos e mais ambiciosos em experimentarmos vivências de maneira espiritual e emocional.

O fechamento dos encontros arteterapêuticos com a dança circular encerra o período de vivências, experiências e práticas compartilhadas, dos momentos para ouvir e para falar, e abre possibilidades para a valorização e continuidade da vida saudável ressignificada de sentidos. “As mulheres conversam em círculos de inúmeras formas e maneiras; a conversa toma uma forma espiral na exploração subjetiva de cada tema. Mulheres em círculos apóiam-se umas às outras e se descobrem através da conversa” (BOLEN, 2003, p.29).

Com o decorrer dos encontros o grupo ficou mais unido a cada dia e as participantes com mais espontaneidade e vontade para expressarem seus anseios internos, e o envolvimento com as propostas foi consolidando. Além da oportunidade de produzir e manifestar simbolicamente por meio de atividades artísticas, as mulheres também passaram a sentirem-se importantes na integração do círculo, nos rituais que a Arteterapia inseriu em suas vidas, comentando e destacando a convivência, bem como, compartilhando nos círculos externos de relações, para além do *setting* arteterapêutico.

Os encontros pretenderam oportunizar momentos onde as produções artísticas fossem facilitadoras de manifestações pessoais simbólicas para o reconhecimento da mulher capaz, criativa e feliz que existe em cada uma delas. *Então você atingiu esse objetivo em mim, pois eu me sinto muito melhor, mais feliz e realizada*, disse Afrodite.

No espaço circular, que aos poucos foi se encarregando de se constituir sagrado, pela energia das participantes e pelas atividades arteterapêuticas, surgiram símbolos, imagens extraídas da potencialidade de situações experienciadas pelas participantes.

Esse vir a ser feminino que se constitui na ampliação da consciência, na melhora da autoestima e no bem estar estimularam as mulheres a iniciarem um processo de autoconhecimento e de busca pela individuação, provocando uma metamorfose possível no fortalecimento do íntimo feminino.

As produções arteterapêuticas das mulheres, com o desenvolvimento e exploração simbólica, situaram aspectos do ser feminino esquecido e puderam incitar ações para resgatá-lo, numa caminhada de superação, valorização pessoal e coragem.

Esta atuação como arteterapeuta possibilitou aprendizagens e apresentou possibilidades para avaliar as condições de promoção do bem estar feminino por meio das produções artísticas, numa proposta que contribuiu para o enfrentamento de uma parcela de situações experienciadas por estas mulheres e que a vida se encarregou de cicatrizar.

## Conclusões

Este estudo que resulta de uma experiência em Arteterapia objetivou oportunizar atividades artísticas para que acontecesse a manifestação simbólica, com um grupo de mulheres, na promoção da saúde como bem estar. Permitiu que aprofundássemos o entendimento acerca das contribuições da Arteterapia, como meio de materializar simbolicamente sentimentos, desejos e idéias que mobilizam conteúdos internos e inconscientes, bem como, possibilidades e limites deste contexto, especialmente com mulheres, o que trouxe considerações relevantes para o estudo.

Os encontros planejados oportunizaram a formação de um círculo de mulheres, como elemento organizador, que consolidou laços a cada dia. A diversa produção pessoal na expressão e na criação artística, a partir de vivências, experiências, memórias, ofereceu possibilidades para que os conteúdos internos fossem vivenciados simbolicamente.

Na Arteterapia, com as experiências do fazer, surgiram formas, figuras, imagens e símbolos. O potencial criador foi ativado e ampliado com o passar dos encontros, no convívio com as mulheres participantes do grupo.

O tempo e o espaço vivenciados foram valiosos para a expressão das angústias, dos medos, das fragilidades e as mulheres tiveram a oportunidade para perceberem os desejos de suas vidas, vivenciando o ser feminino com mais clareza; ao criar constituíam um compromisso íntimo.

A resistência por parte de algumas mulheres que abandonaram os encontros e as queixas devido a falta de atividades artesanais em decorrência das atividades arteterapêuticas foram manifestadas. Esse estranhamento ao novo, com o passar dos encontros, foi substituído pela compreensão de que a Arteterapia poderia contribuir para o conhecimento de si mesmas, para a vida de cada uma.

Portanto, podemos concluir que a proposta arteterapêutica mobilizou as manifestações simbólicas nesse grupo de mulheres. A conexão do mundo interior com os acontecimentos vivenciados fez emergir entendimentos e permitiu a cada uma ressignificar e repensar o seu modo de viver, atribuindo outros sentidos para o bem estar.

Esse tema, pela abrangência e complexidade, não se esgota nesta pesquisa, percebemos a importância da Arteterapia como uma proposta que encoraja e fortalece o ser feminino, ampliando e fortalecendo círculos de mulheres que podem ser mantidos em atividade promovendo a saúde pelo bem estar.

## Referências

ARALDI, L. C. Arteterapia: encontro com os potenciais internos num grupo de mulheres. In: ORMEZZANO, G. (Org.). **Questões de Arteterapia**. 2. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

BAPTISTA, A. L.; RIBEIRO, M. L. C. Mitologia e Arteterapia: Uma experiência terapêutica. **Revista Imagens da Transformação**, vol. 8, RJ: Pomar. 2001. Disponível em: <<http://www.incorporarte.psc.br/sys/index.php?option=content&task=view&id=29>>. [capturado em 13 nov. 2012].

BARBOSA, N. A. **Arteterapia e criatividade feminina**: um encontro potencializador. 2006. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/2/NAT%C3%81LIA%20AMORIM%20BARBOSA.pdf>>. [capturado em 15 nov. 2012].

BOLEN, J. S. **O milionésimo círculo**: como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres. São Paulo: TRIOM, 2003.

BRANDEN, N. **Auto-estima e os seus seis pilares**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução: David Jardim. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

COLASSANTI, M. **A moça tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MARASHINSKY, A. S. **O oráculo da deusa**: um novo método de adivinhação. São Paulo: Pensamento, 2007.

ORMEZZANO, G. et al. O desenho no leito hospitalar: imagens de pacientes com osteossarcoma de fêmur. In: ORMEZZANO, G. (Org.). **Questões de Arteterapia**. 2. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 95-117.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia**: cartografias da coragem. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

\_\_\_\_\_. **Linguagens, materiais expressivos em Arteterapia**: uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

TOMMASI, S. B. A espiritualidade na arte e na ciência: o desvelar do ser humano. In: TOMMASI, S. B. (Org.). **Pensando a Arteterapia**: com arte, ciência e espiritualidade. São Paulo: Vetor, 2012.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia**: a transformação pessoal pelas imagens. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.



## 2 - A ARTETERAPIA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA NA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

*Paula de Souza Cardoso*<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata sobre uma ação Arteterapêutica com adolescentes e jovens que se encontravam em cumprimento de medida socioeducativa de internação, com fim de garantir a aplicação de Política e Práticas Integrativas e Complementares como prevenção a saúde de indivíduos institucionalizados. A perspectiva de que o modo operante que os adolescentes desta época e local se apresentavam, quanto a comportamento e expressões de pensamento, sugeriu um propício encontro destes com a proposta da Arteterapia. Desse mesmo modo, pensou-se na possibilidade de que o processo de subjetivação e individualização, que a Arteterapia busca promover em sua atuação, pudesse trazer benefícios ao processo socioeducativo. Uma perspectiva de intervenção em grupo foi implementado, as obras e vivências produzidas pelos socioeducandos foram analisadas segundo a Arteterapia, e a partir destas foram ponderadas as contribuições que a Arteterapia poderia propiciar. Essa experiência, também, teve como objetivo elencar as dificuldades contextuais, afetivas, e metodológicas encontradas no processo da pesquisa e identificar como a Arteterapia pode contribuir no processo de formação desses indivíduos.

**Palavras-chave:** Arteterapia, Medida Socioeducativa de Internação, Prática Integrativa.

### **Art therapy integrative practice as in hospital educational measure**

**Abstract:** This article is about an action Arteterapêutica with young people who were in under socio hospitalization, with order to ensure the implementation of policy and Integrative and Complementary Practices as health prevention institutionalized individuals. The prospect that the way that teenagers working this time and place presented themselves, as the behavior and expressions of thought, suggested a propitious meeting these with the proposal of Art Therapy. This same way, thought up the possibility that the process of individualization and subjectivity, that seeks to promote art therapy in their work, the process could benefit childcare. An outlook of group intervention was implemented, and the works produced by socioeducandos experiences were analyzed according to Art Therapy, and from these were weighted contributions that art therapy could provide. This experience also aimed to rank the difficulties contextual, affective, and methodological encountered in the research process and identify how art therapy can help in the process of training these individuals.

**Keywords:** Art therapy, Measure Socio Internment. Integrative Practice.

### **El Arteterapia como práctica integral em El centro de medida educativa**

**Resumen:** En este artículo se discute una Arteterapêutica acción con los jóvenes que se encontraban en menos hospitalización socio, con el fin de garantizar la aplicación de las políticas y PNPIC como la prevención de los individuos institucionalizados de salud. La perspectiva de que la forma en que los adolescentes que trabajan en esta ocasión y el lugar se presentaron, como el comportamiento y las expresiones del pensamiento, sugirió una reunión propicia estos con la propuesta de Arteterapia. Esta misma forma, pensó la posibilidad de que el proceso de individualización y subjetividad, que busca promover la terapia de arte en su trabajo, el proceso podría beneficiarse de cuidado infantil. Se aplicó un punto de vista de la intervención grupal y las obras producidas por las experiencias socioeducandos se analizaron de acuerdo a la terapia del arte, y de éstos fueron contribuciones ponderadas que el Arteterapia puede ofrecer. Esta experiencia también tuvo como objetivo clasificar las dificultades contextuales, afectivas y metodológicas encontradas en el proceso de investigación e identificar cómo la terapia de arte puede ayudar en el proceso de formación de estas personas.

**Palabras clave:** Arteterapia, Mida Internación Socioeducativa, Práctica Integrativa.

### **Introdução**

Considerando a condição de violência que assola a nossa sociedade, onde o coletivo, por vezes, não sabe o que acontece com aqueles indivíduos que são “presos”, após aparecerem nos meios de comunicação, por terem cometidos delitos graves, como homicídio, latrocínio, estupro, dentre outros atos considerados graves, essa proposta de trabalho foi pensada justamente como experiência prática na atuação da Arteterapia no contexto da

<sup>3</sup> Psicóloga. Universidade Estadual de Maringá. Pós- graduada em Arteterapia. Instituto Fênix de Ensino e Pesquisa. Pós- graduada em Saúde Pública. Instituto Fênix de Ensino e Pesquisa.  
paulacardoso.arteterapia@gmail.com

Socioeducação, mais especificamente na Unidade que executa a Medida Socioeducativa de Internação, como uma visão ampliada de saúde e meio promotor da Política das Práticas Integrativas e Complementares, Portaria nº 971 de maio de 2006 (BRASIL, 2006).

“As Práticas Integrativas podem ser utilizadas como primeira opção terapêutica ou de forma complementar segundo o projeto terapêutico individual. Podem estar em qualquer ponto da rede, desde a Atenção Primária ao nível terciário, organizadas segundo as necessidades de saúde locais” (SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO, 2013, p.9).

Desta forma, a pesquisa aqui tratada foi realizada com adolescentes em cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação, estando enquadrados em nível de alta complexidade, e serem, em grande número, atendidos pelo Sistema Único de Saúde durante o período de internação, e, ou no decorrer de suas vidas.

O Estatuto de Criança e do Adolescente - ECA - Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 1990) delimita a adolescência entre 12 a 18 anos. Tal estatuto em sintonia com o Sistema de Garantia de Direitos, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), UNICEF (The United Nations Children's Fund – Fundo das Nações Unidas para a Infância), Secretarias de Direito Humano, e da Criança e Adolescente organizaram a proposta do SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo), implementada em 2012

O SINASE é uma política pública, ou seja, um conjunto ordenado de princípios, regras e critérios, de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo, envolvendo sistemas estaduais, distritais e municipais, bem como todas as políticas, planos e programas específicos de atenção ao adolescente.

A mudança de paradigma e a consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente ampliaram o compromisso e a responsabilidade do Estado e da Sociedade Civil na busca por soluções mais eficazes, eficientes e efetivas para o sistema socioeducativo, que assegurasse a oportunidade de adolescentes envolvidos com atos infracionais se desenvolverem, e ter uma verdadeira experiência de reconstrução de seu projeto de vida.

A unidade pesquisada atende a medida socioeducativa de internação no estado do Espírito Santo, e é administrada por um Instituto vinculado à Secretaria de Estado da Justiça - SEJUS (IASSES, Acesso 23 ago. 2012).

Os participantes dessa experiência são adolescentes e jovens de 17 a 21 anos incompletos que cumprem a Medida Socioeducativa de Internação em Unidade de Internação, e que por estarem inseridos dentro dessa medida são denominados socioeducandos.

Os socioeducandos abordados se encontravam inseridos na primeira fase de desenvolvimento da proposta pedagógica da Unidade, apresentavam relação com o uso e abuso de drogas ilícitas, assim como envolvimento com o tráfico de drogas. No entanto se encontravam em privação de liberdade por diversos motivos como: roubo, homicídio, porte ilegal de arma e tráfico de drogas.

A proposta Da formação de um grupo Arteterapêutico, formado por cinco socioeducandos, previamente selecionados e estudados pela profissional sendo este de sua responsabilidade técnica como Psicóloga. Tal grupo seria acompanhado por dezoito encontros a ser realizado quinzenalmente, com duração de até três horas cada. O local para a realização do grupo se localizava no Prédio Escola, em uma sala ampla, com grandes janelas gradeadas, e uma porta, onde os agentes socioeducativos se mantinham vigilantes.

As obras realizadas pelos socioeducandos, assim como, a influência do ambiente institucional na realização das atividades, serão analisadas segundo a Arteterapia, também sendo elencadas as dificuldades contextuais, afetivas e metodológicas encontradas para a prática nesse contexto, e ainda, como a Arteterapia poderia contribuir para o processo de formação dos socioeducandos como garantia de uma Política das Práticas Integrativas e Complementares.

## **A Arteterapia como prática integrativa**

A Arteterapia vem alcançando um patamar de ciência, tendo importância nos meios científicos, principalmente depois do advento da Reforma Psiquiátrica. Esta tem em si um corpo próprio de saberes que contemplam conceitos centrais como o autoconhecimento, a promoção e prevenção da saúde, a criatividade, a linguagem expressiva, a utilização de materiais diversos nas múltiplas modalidades expressivas, bem como seus significados, o perfil do Arteterapeuta e o setting.

Esta foi integrada à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, na Portaria nº 971, do Diário Oficial da União, nº 84, seção I, p. 20-24, Brasília, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), por estar integrada à visão ampliada de saúde, que [...] “compreende a complexidade do processo de saúde e adoecimento e seus fatores condicionantes e busca inserir recursos que possam ir ao encontro das múltiplas necessidades de saúde das pessoas e promover o acesso aos bens e serviços essenciais” (SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO, 2013, p.4).

Com uma visão ampliada, tendo em seu alicerce teórico a compreensão da complexidade dos processos subjetivos, e consequentemente da saúde, a Arteterapia fomenta em sua prática “dar voz” a linguagem expressiva, sendo utilizando, para tanto, diversos tipos de materiais como: papéis, tintas, lápis de cor, madeira, argila, etc. e de técnicas como: desenho, pintura, modelagem, construções, personagens, etc., tendo em vista possibilitar um processo de construção simbólica.

O processo expressivo que a arte propicia, deve ser compreendido de forma ampla, abandonando a “ordem estética, técnica ou acadêmica”, voltando-se para o “criar” e “refletir” que o indivíduo faz sobre seus processos e trabalhos. Desta forma, os sujeitos [...] “podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar a autoestima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolvendo recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico” (PHILIPPINI, 2008, p.13).

A Arteterapia se baseia na crença de que o processo criativo na atividade expressiva é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Sob este prisma, considera-se que, a partir da criatividade formas, cores e expressão são dados a sentimentos inominados pelo indivíduo. E é através da criatividade que existe a possibilidade de se realizar conexões e atribuições de novos significados a velhas situações vividas, que não puderam ser materializadas de forma livre e intensa pelo sujeito no momento em que surgiram.

Sendo assim, a Arteterapia demonstra sua congruência e concisão como Prática Integrativa por,

Os benefícios no cuidado relativo às Práticas Integrativas alcançam pessoas nos diversos ciclos de vida, na promoção, prevenção e tratamento dos principais agravos, com recursos tecnológicos simplificados, humanização do atendimento e com potencial para lidar com conflitos complexos, por atuar no eixo bio-psico-social (SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO, 2013, p.4).

Tais benefícios podem ser alcançados com o atendimento Arteterapêutico, com público das mais diversas faixas etárias, em grupo ou individual, de acordo com a demanda do paciente, em prol da prevenção e promoção da saúde integral. O acompanhamento é prioritariamente uma intervenção de curto prazo, durando o necessário para facilitar ao atendido o encontro com novas possibilidades, ideias mais adaptativa e arranjada, para resoluções ou saídas para suas demandas.

Assim, na Arteterapia “o trabalho está centrado na pesquisa do sujeito para encontrar e elaborar um universo de imagens significantes de seus conflitos subjetivos” (PAIN & JARREAU, 2001, p.15). Nessa pesquisa centrada no sujeito, a Arteterapia dialoga com teorias psicológicas, como a Psicologia Analítica, Gestalt-terapia, Terapias Corporais, dentre outras, numa ação terapêutica que é abrangente, holística e, sobretudo transdisciplinar.

## **Resultados**

Como experiência em grupo, foi utilizado como estimulação visual o filme “CRASH no Limite”, de Paul Haggis, tendo como consigna (explicação do que será feito) os participantes deveriam observar o filme e procurar se identificar com um personagem. A linguagem expressiva utilizada nesse momento foi o recorte e colagem, com figuras selecionadas de revistas, e também o desenho.



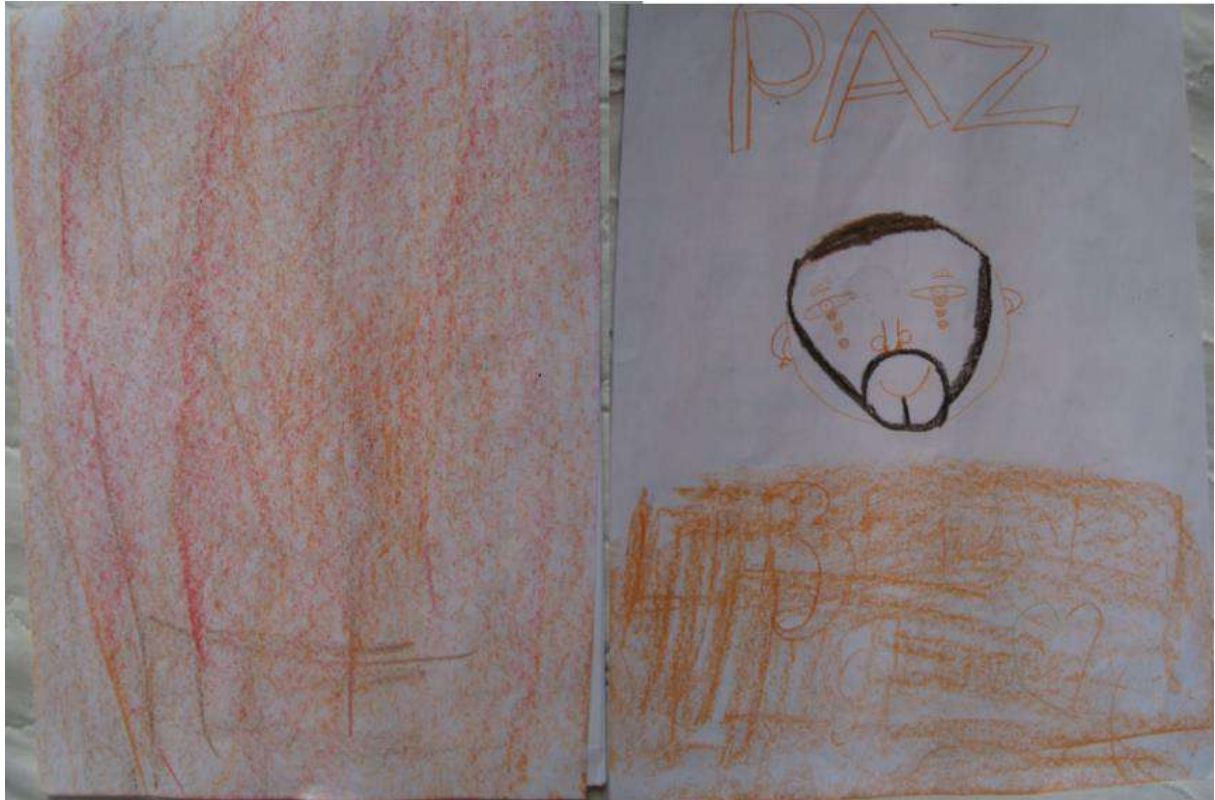
**Fig.1 – Velocidade**

O recorte e colagem é uma boa possibilidade para as atividades iniciais no ateliê Arteterapêutico, por permitirem ao sujeito trabalhar com imagens e símbolos bem configurados, e a expressão formada pela escolha e composição de grupamentos dessas imagens.

A escolha e montagem podem parecer uma tarefa simples, mas favorece a organização de estruturas, a organização espacial é simbólica e reparadora.

Essa técnica pôde fornecer mapas muito adequados de aspectos psicodinâmicos, presentes naquele momento na vida do indivíduo, demonstrado na **Fig.1- Velocidade**, onde o participante aponta sua identificação com o assaltante do filme, pelos roubos que cometia, assim como pela cor da pele do assaltante, o uso e abuso de álcool e outras drogas realizado por ele.

O segundo encontro foi trabalhado sob a consigna Autorretrato. Os participantes deveriam expressar, utilizando desenho com lápis de cor, giz de cera, giz pastel e caneta colorida hidro cor. Após a elaboração do desenho e verbalização, cada um poderia refletir sobre sua vida e expressar as mudanças que gostaria de ter no futuro.



**Fig.2 – Autorretrato**

No desenho a coordenação motora fina é bastante trabalhada, assim o controle motor e intelectual do indivíduo sobre o que será expresso promove uma possível estruturação organizacional.

Como observado na **Fig.2** - Autorretrato, este foi um desenho dirigido, colorido com giz de cera, o indivíduo tendendo a entrar em contato com sua realidade, com conteúdos profundos, mobilizando mobilizar emoções bloqueadas que se referiam a “chegar a ser adulto”. Para este participante, sua imagem atual “misturada”, diluída com o coletivo, massificado, e em seu futuro observa-se a capacidade ordenadora do desenho, quando saindo à massa observa-se a palavra “PAZ”, e o desenho do rosto, verbalizando “ter barba”, que significa para ele “sobreviver” até torna-se adulto.

No terceiro encontro foi utilizada a estimulação visual pelo filme “Escritores da Liberdade”, de Hilary Swank, tendo como consigna a identificação com os personagens do filme e sua relação com o contexto em que os participantes vivenciavam dentro da Unidade. Dando sequência, estava previsto no encontro seguinte que os participantes utilizariam tinta de diversas cores, lápis de cor, giz de cera e revistas para expressar tal identificação.

Diversos obstáculos foram encontrados para a continuação dos trabalhos em grupos, como a diminuição do quantitativo dos agentes socioeducativos, que são responsáveis pela movimentação e segurança das atividades, num contexto que a cada dia surgiam novos conflitos como: depredação do patrimônio público, motins, conflitos entre os socioeducandos de bairros rivais, entre outras ocorrências indisciplinadas, como ameaças à integridade física e psíquica dos agentes socioeducativos. Por esses motivos a movimentação dos socioeducandos e a realização da atividade ficaram comprometidas, culminando na impossibilidade de sua realização.

## **Conclusão**

Como resultado dessa pesquisa, atendendo aos objetivos propostos, de apontar as dificuldades e as contribuições apresentadas para a execução da experiência com a Arteterapia na Unidade de Medida Socioeducativa de Internação.

Sob análise coletiva das vivências, a formação de um grupo pôde propiciar aos integrantes o sentimento de ser incluído, fazer parte de algo, demonstrado quando os participantes concordaram sobre as regras para pertencer e permanecer no grupo.

Ao analisarmos a quantidade de falas dos indivíduos, percebemos que falaram pouco de si, necessitando ainda ser desenvolvido o sentimento de companheirismo, intimidade, satisfação, identificação, semelhança, atração, compreensão, orientação, esclarecimento, apoio, proteção e ajuda.

Acredito assim, que o trabalho em grupo, estaria para além dos objetivos individuais, sendo também um aprendizado através de interações sociais favoráveis, com a presença da comunicação como fator de ajustamento real para a efetivação de toda ação produtiva.

Em relação ao atendimento técnico institucional, as dificuldades surgiram quando houve a necessidade de intervenções sancionatórias a serem decididas pela equipe técnica, da qual participava, e desta forma, analisou-se que o vínculo terapêutico foi quebrado.

A quebra do vínculo terapêutico é entendida como uma dificuldade afetiva do processo, analisando-se que ao vínculo terapêutico criado nos atendimentos direcionado à experiência de estágio em Arteterapia foi cindido.

Referente a esse fato, a questão que emergiu se refere às atribuições institucionais do profissional Psicólogo, podendo vir a promover intervenções quanto à disciplina e deliberar sobre o procedimento disciplinar.

A incongruência de papéis profissionais (Psicólogo e Arteterapeuta) é, por mim, considerada a causa primordial de tal contradição de funções serem exercidas por um mesmo profissional.

Dentro de uma concepção multidisciplinar, segundo Andrade (2000, p.165): “Outra questão a ser mencionada diz respeito aos limites e objetivos de uma instituição onde o trabalho com arte se desenrola: a) trabalho em equipe ou não, b) se a este é outorgado uma determinada autonomia, c) se está inserido institucionalmente como uma terapia auxiliar. As requisições e necessidades do trabalho com arte e expressão também vão ser permeadas pela valorização atribuída pelos componentes do “staff” da instituição.”

Assim como o autor nos orienta, também, considero que a Arteterapia pode trazer contribuições impares no processo socioeducativo desde que esse seja exercido por um profissional Arteterapeuta, que tenha abertura institucional e assim, respaldo quanto ao enquadramento técnico, como o setting e a relação Arteterapêutica.

Quanto às dificuldades metodológicas, em relação à Unidade estudada, observamos que quanto ao local da realização dos encontros, haveria a necessidade da criação de um espaço próprio (ateliê arteterapêutico), bem como disponibilizar ou permitir a entrada de materiais necessários ao desenvolvimento dos trabalhos.

Segundo a experiência, acredito que o grupo deva ter no máximo cinco integrantes, com encontros semanais, com duração de duas horas para atendimento do grupo.

Como contribuição da Arteterapia nesse contexto, de acordo com as experiências relatadas nesse trabalho, poderíamos afirmar que a Arteterapia poderia contribuir no processo de formação do socioeducando, propiciando a este o exercício de sua criatividade, fortalecimento da autoestima, e através de seu trabalho lúdico, resgatar a Criança Interior; entrar em contato com sua Sombra, dialogar com ela e reconhecer seus aspectos positivos e criativos; assim, propiciar o amadurecimento da psique, e a integração das várias partes, em seu processo de individuação.

Concluindo, de uma forma mais imediata, a contribuição da Arteterapia pode auxiliar os socioeducandos a manifestar sua individualidade, levando em consideração suas características pessoais, dons, limitações, talentos e interesses especiais. Mas, ressalto que, os propósitos mais abrangentes para o assunto deste trabalho, é que se ninguém se esforçar para buscar atingi-los, quebrando os paradigmas existentes na prática da Socioeducação, não haverá possibilidade de se criar mecanismos capazes de uma transformação benéfica no tratamento e/ou atendimento dos indivíduos.

Acredito que a Arteterapia, em seu conjunto de saber teórico e prático em diálogo com as Psicologias que a respaldam, poderá contribuir decisivamente para uma transformação significativa dos sujeitos, tendo um efeito contínuo, inacabado, como o é a vida, que se reinventa e cria novas possibilidades em qualquer tempo/ espaço, podendo e devendo compor a Prática Integrativa da saúde aos adolescentes institucionalizados.

## Referências

- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas: Arte-terapia, arte-educação, terapia-Artística.** São Paulo: Vetor, 2000.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei N 8.069.** Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e da outras providências. Brasília, 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Portaria n° 971.** Diário Oficial da União, n° 84, seção I, p. 20-24, Brasília, 04 maio 2006.
- IASES - INSTITUTO DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <<http://www.iaeses.es.gov.br/default.asp>>, Acesso em: 23 ago. 2012.
- PAIN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da Arte-terapia: a compreensão do sujeito.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PHILIPPINI, A.: **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem.** 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO ESPÍRITO SANTO. **Política das Práticas Integrativas e Complementares: Diretrizes.** Vitória: 2013.

## ARTIGOS DE ATUALIZAÇÃO OU DIVULGAÇÃO

---

### 3 - SOBRE DEUSES E HERÓIS – O CAMINHO DO MASCULINO NOS CONTOS DE FADA

**Sonia Branco<sup>4</sup>**

**Resumo:** A presente comunicação tem por objetivo versar sobre as influências causadas pelos dogmas religiosos e seus Deuses e Heróis na disseminação e continuidade dos contos populares contados deste os tempos antigos até a atualidade. De que forma essa influência determinou os conhecimentos da psicologia analítica de Carl Jung quando de seus estudos sobre a individuação, bem como os conhecimentos de Joseph Campbell sobre o Herói de Mil Faces, O Poder do Mito e o Caminho do Herói. Quem e quais são os heróis que originaram os livros sagrados, porque interferiram na construção de novos conhecimentos e de que forma suas histórias e aventuras foram moldadas através dos tempos, até os dias atuais, tornando-se referência no caminhar do masculino e seu papel social. Quais os mitos religiosos que mais influenciaram e distorceram os contos e o porquê de seu papel de grande importância na criação do caminho do herói da antiguidade. Porque vivem no inconsciente coletivo através dos contos e sua fundamental influência na construção e definição dos papéis masculino e feminino na sociedade através dos tempos. Conhecer os heróis do Gitã, da Bíblia, da Tora, do Corão, da Mitologia Grega nos ajudará a entender e a correlacionar suas histórias com os contos sem autoria que possuem versões diferenciadas nas variadas culturas. A cosmogonia das diversas religiões, as mais ancestrais conhecidas, nos revela similaridades de tal forma que se torna impossível supor que não tenham a mesma origem. Ao mesmo tempo, a criação humana segue determinados padrões que são completamente comuns e aparecem de forma íntegra nos livros sagrados de diversas culturas e em diversos idiomas. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir essas similaridade e encontrar uma paridade com as estruturas e conteúdos dos contos de fada desde a idade média até a atualidade, como maneira de preservar e dar uma continuidade a uma cultura, que seja a humana. Utilizaremos citações dos próprios livros sagrados para encontrar essas similaridades e, posteriormente, compará-las às estruturas dos contos do chamado Caminho do Herói, ou arquétipos, conforme o pensamento de Campbell e Jung simultaneamente. E, assim, visualizarmos que a estrutura do herói e de seu caminho pela individuação tem o mesmo ponto de partida. O momento da descoberta e da escolha por um ser divino e sua missão de continuar adiante, não só para a descoberta da própria divindade, mas também para a propagação do nome daquele que o receberá de volta ao seio do lar. O Filho de Deus encarnado como homem, seu amigo e discípulo, todos eles tem um papel comum na estrutura da narrativa do conto. Seja como o próprio herói, seja por aquele homem comum que se torna o herói em si, ou seja, pelo fato de todos, de alguma forma, tornarem-se, com o passar dos tempos, arquétipos que povoam o imaginário coletivo em seu inconsciente. É, enfim, a história da humanidade, perpetuada pela oralidade, e recontada, tantas e tantas vezes, que de história, torna-se lenda, de lenda, torna-se conto, mas que permanecerá efetivamente como um arquétipo do inconsciente coletivo por milhares e milhares de anos, até a eternidade.

**Palavras-chaves:** Arteterapia, Deuses, Heróis, Contos de fada.

#### Of gods and heroes – the way of male in fairy tales

**Abstract:** This Communication aims to traverse on the influences caused by religious dogmas and their Gods and Heroes in the spread and continuation of popular tales told of this ancient times to the present. How does this influence determined the knowledge of analytical psychology Carl Jung when his studies of individuation, as well as knowledge about the Joseph Campbell Hero With a Thousand Faces, The Power of Myth and the Hero's Path. Who and what are the heroes who gave the sacred books, why interfere with the construction of new knowledge and how their stories and adventures were shaped through the ages to the present day, becoming a reference in walking male and its social role . What are the religious myths that influenced and more distorted tales and why its major role in creating the path of the hero of antiquity. Why they live in the collective unconscious through the stories and its fundamental influence on the construction and definition of male and female roles in society through the ages. Meet the heroes of the Gita, the Bible, the Torah, the Koran, in Greek mythology help us understand and correlate their stories with tales without authorship that have different versions in different cultures. The cosmogony of the various religions, the most known ancestors, reveals similarities in such a way that it becomes impossible to suppose that do not have the same origin. At the same time, the human creation follows certain patterns that are quite common and appear in full form in the sacred books of different cultures and in different languages. Thus, this

---

<sup>4</sup> Fonoaudióloga, Especialista em Arteterapia em Educação e Saúde, concluído, Arteterapeuta Junguiana. Membro da AATA – American Art Therapy Association. Autora dos Livros: *Contos de Fada – vivências e técnicas em Arteterapia e Deuses e Fadas – Arteterapia e arquétipos no dia a dia*, pela WAK Editora

paper aims to discuss these similarities and finding a parity with the structures and contents of fairy tales from the Middle Ages to the present, as a way to preserve and give continuity to a culture that is human. We will use quotes from own holy books to find these similarities and then compare them to the structures of the tales called The Way of the Hero, or archetypes, as the thought of Campbell and Jung simultaneously. And thus visualize the structure of the hero and his way through individuation has the same starting point. The moment of discovery and choice by a divine being and mission to continue forward, not only to the discovery of his own divinity, but also to spread the name of the one who will get back to the heart of the home. The incarnate Son of God as man, his friend and disciple, they all have a common role in the narrative structure of the tale. Be like the hero himself, either by an ordinary man who becomes the hero itself, ie, the fact that everyone, somehow, become-with the passage of time, archetypes that populate the collective imagination in his unconscious. It is, in short, the history of mankind, perpetuated by oral tradition, and retold, so many times, that history becomes legend, legend becomes tale, but remain effectively as an archetype of the collective unconscious by thousands and thousands of years, until eternity.

**Keywords:** Art Therapy, Gods, Heroes, Fairy tales.

### **Sobre dioses y héroes – el camino del masculino en los cuentos de hadas**

**Resumen:** Esta Comunicación tiene que atravesar en las influencias causadas por dogmas religiosos y sus Dioses y Héroes en la propagación y continuación de cuentos populares hablados de esta antigua época hasta el presente. ¿Cómo influye esto determina el conocimiento de la psicología analítica de Carl Jung, cuando sus estudios de individuación, así como el conocimiento de Joseph Campbell sobre El Héroe de Las Mil Caras, El Poder del Mito y El Viaje del Héroe. ¿Quién y qué son los héroes que dieron los libros sagrados, ¿por qué interferir con la construcción de nuevos conocimientos y cómo se formaron sus historias y aventuras a través de los siglos hasta nuestros días, convirtiéndose en una referencia en caminar masculino y su función social . ¿Cuáles son los mitos religiosos que influyeron y más distorsionadas cuentos y por qué su importante papel en la creación de la trayectoria del héroe de la antigüedad. Debido a que viven en el inconsciente colectivo a través de las historias y su influencia fundamental en la construcción y definición de los roles masculinos y femeninos en la sociedad a través de los siglos. Conoce a los héroes de la Gita, la Biblia, la Torá, el Corán, en la mitología griega nos ayudan a entender y correlacionar sus historias con cuentos sin autoría que tienen diferentes versiones en las diferentes culturas. La cosmogonía de las diversas religiones, los antepasados más conocidos, revela similitudes de tal manera que se hace imposible suponer que no tienen el mismo origen. Al mismo tiempo, la creación humana sigue ciertos patrones que son muy comunes y aparecen en forma completa en los libros sagrados de las diferentes culturas y en diferentes idiomas. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo discutir estas similitudes y encontrar una paridad con las estructuras y contenidos de los cuentos de hadas de la Edad Media hasta el presente, como una forma de preservar y dar continuidad a una cultura que es humano. Vamos a utilizar citas de libros sagrados propios para encontrar estas similitudes y luego compararlas con las estructuras de los cuentos llamado Camino del héroe, o arquetipos, como el pensamiento de Campbell y Jung simultáneamente. Y así visualizar la estructura del héroe y su camino a través de individuación tiene el mismo punto de partida. En el momento del descubrimiento y la elección por un ser y la misión de continuar hacia adelante, no sólo para el descubrimiento de su propia divinidad, sino también para difundir el nombre de la persona que va a volver al corazón de la casa divina. El Hijo de Dios encarnado como hombre, su amigo y discípulo, todos ellos tienen un papel común en la estructura narrativa del cuento. Sé cómo el héroe mismo, ya sea por un hombre corriente que se convierte en el héroe de sí mismo, es decir, el hecho de que todos, de alguna manera, se convierten, con el paso del tiempo, los arquetipos que pueblan el imaginario colectivo en su inconsciente. Es, en resumen, la historia de la humanidad, perpetuado por la tradición oral, y volvió a contar, tantas veces, que la historia se convierte en leyenda, la leyenda se convierte en historia, pero sigue siendo eficaz como un arquetipo del inconsciente colectivo de los miles y miles de años, hasta la eternidad.

**Palavras-clave:** Arteterapia, Dioses, Héroes, Cuentos de hadas.

### **Introdução**

*“A mitologia é a música. A música da imaginação, inspirada nas energias do corpo. Uma vez um mestre zen parou diante de seus discípulos, preste a proferir um sermão. No instante em que ele ia abrir a boca, um pássaro cantou. E ele disse: ‘O sermão já foi proferido.’”*  
Joseph Campbell

Mitos são formas culturais criadas para contar a história com uma visão mais sublime, mais mágica, e, ao mesmo tempo, para demonstrar a esperança, a fé, e a certeza de que algo ou alguém, maior que a humanidade, nos observa, nos conduz, e nos protege.

Em todas as culturas sempre haverá o herói. O mito heroico que libertará, trará a esperança de que as coisas melhorem a cada dia e, por sua simples presença.



O filho de Deus, o profeta que trará as mensagens do criador; o eremita que, ao longe, dirá palavras de conforto para aqueles que o procurem; o iluminado que abandonará poder e fortuna e se dedicará a descobrir e meditar sobre os mistérios da vida. Invariavelmente todos eles terão uma imagem do inalcançável e que se unirá aos mais fracos para aliviar suas mazelas.

Todos serão combatidos a lutar, não a guerra dos homens, mas a guerra da deidade, a guerra do saber, a guerra da fé.

Todos serão combatidos a confrontar as injustiças, questioná-las e levar àqueles que creem nele, a rebelar-se e lutar por liberdade.

O mito heroico não busca em sua jornada, apenas a si mesmo, mas também procura auxiliar aos que necessitam, para poder regressar ao seio da sociedade íntegro, capaz de conduzir seus seguidores e amigos a um caminho de justiça, de fé e de esperança.

Na civilização grega, os mitos, anteriormente ao herói, eram divindades que reuniam em si qualidades e defeitos meramente humanos. Daí a necessidade de Prometeu e seu irmão, ao criarem homens de barro como reflexo dos Deuses, fornecerem à suas criaturas aquilo que só os deuses possuíam: sentimentos. Prometeu foi punido com a ira dos deuses, tal qual Adão e Eva pelo Deus cristão.

Em ambos os casos, o conhecimento de si mesmo levou-os à condição de exilados da morada paradisíaca. Não lhes cabia mais viver sob a proteção divina, sob seu amor incondicional, mas lutar contra seus caprichos e emoções e buscar, no trabalho, sua sobrevivência.


Esse é um fato heroico.

Os heróis são impelidos a deixar a proteção do lar em busca de si e de sua sobrevivência.

Aqui não há lugar para mulheres e *ânimus*, porque o universo dos contos já está repleto delas. Princesas, órfãs, sofredoras, sonhadoras. Falamos de homens que não contam com um salvador, mas que necessitam aprender a defesa de si mesmo, através do conhecimento e do agregamento de valores. Através de lutas contra a falta de perspectivas, e de ânimas e do encontro com elas.

Os gregos representaram bem essa luta através do seu Deus da guerra, Ares.

Ares é, até hoje, o Deus cujo símbolo representa o masculino, a virilidade, a luta.

Simbolicamente a representação masculina é sinalizada através do símbolo , o símbolo de Marte para os romanos e Ares para os gregos.

Ares é o senhor das armas, dos exércitos, das guerras e das estratégias, mas é, também, um amante viril e sedutor.

A natureza masculina é guerreira, mas guerreira no sentido de guerrear, de se confrontar corpo a corpo com seus obstáculos.

De praxe, o homem não é um ser cerebral, mas sim, um ser braçal. Podemos ver isso nos mitos de diversas culturas, e em sua continuidade, através dos contos de fada cujo personagem central da trama é um homem, ou um jovem, ou um menino.

No masculino a individuação e sua busca ocorrem através da saída para o exterior. Sair de casa, nos contos, é o ponto de partida para que o herói possa viver diversas aventuras, se defrontar com seu "inimigo", receber auxílio de pessoas mais velhas ou mágicas, e delas, quem sabe, um objeto mágico que facilitará a transposição dos obstáculos encontrados.

Ao contrário da saga feminina, onde a heroína deve traçar seu caminho para dentro, - dormir, ficar presa numa torre, permanecer escrava de uma madrasta na cozinha, ser obrigada a ir ao submundo em busca do fogo da vida, - o Herói masculino sai pelo mundo em aventuras e viagens que aparentam egoístas e intermináveis.

Não estou falando do herói que resgata a heroína trazendo-a a consciência. Mas falo do herói que busca sua própria salvação, sua própria libertação, seu *self*.

Libertar-se do pai opressor, do pai que não crê na sua capacidade de gerenciamento da própria vida. Do pai que não consegue enxergar seu valor, sua inteligência e que está disposto, inclusive, a condená-lo à morte por não atender às suas necessidades imediatas, que é, pressuposto, tomar para si a continuidade de seus negócios, herança ou família.

Mas o herói precisa se rebelar. É necessário que da rebeldia nasça o impulso de partir. Partir em busca da sua própria herança, da sua necessidade de continuar seu nome, de ser reconhecido por estranhos para poder retornar ao lar e ser recebido com honrarias pelos seus ou não.

Nem sempre o herói retorna ao reino paterno ou familiar. Muitas vezes ele decide ficar onde encontrou a honraria e dali em diante criar novos vínculos e novas expectativas de vida.

O herói buscou seu valor, deve encontrar seu amor em uma princesa, ou seu amor através da fé.

Punido, Hércules é obrigado a realizar doze trabalhos que podem custar sua vida. Sua coragem é posta à prova. Sua hombridade, sua fé, seu caráter.

Ulisses sai pelos mares e é impedido de regressar a casa sendo colocado à prova diversas vezes - seu amor, sua fé, sua honra e sua coragem. Mas, principalmente sua determinação.

Outros heróis passam pelas mesmas provas, mesmas punições. Afinal, em dado momento eles se unem e saem como Argonautas para viver a maior e definitiva aventura.

Na cultura ocidental ainda cultuamos Ares quando temos cargos de poder e de estratégia e nossa segurança entregue nas mãos dos homens que já perderam a dureza dos sentimentos e não se permitem viver suas *ânimas* sem culpa.

Porém, João sempre voltará da Terra do Gigante para a casa de sua mãe.

Ulisses também voltará para os braços de Penélope.

Dirceu sempre irá ao Hades em busca de Eurídice.

Mas nenhum deles, jamais, deixará de viver suas aventuras por nenhuma mulher.

E Hércules, bem Hércules permanecerá fiel àquilo que sempre foi, um mortal. Para servi-los, para salvá-los, para honrá-los.

## Sobre os Deuses e Heróis

*No princípio era o verbo e o verbo era Deus e o verbo estava com Deus (Jo 1:1) e o verbo se fez carne e habitou entre nós. (Jo 1:14)*

As crenças que derivaram e originaram as religiões atuais mais conhecidas são, aparentemente, regidas pela mesma estrutura relativas ao contato de Deus e os humanos.

Nos diversos livros sagrados, Deus fala com os mortais através de seu filho nascido que vive entre os humanos ou através de um mortal escolhido: Buda, Jesus, Krisna, Arjuna, David, Jacó, dentre outros.

Os livros sagrados são escritos e redigidos por mortais, ditados por Deuses: o Alcorão, o Bhagavad-gitã, a Bíblia, o Torá, mas invariavelmente, todos eles contam uma história. Um conto sagrado, um mito, o relato do caminho do herói.

Todos os "filhos de Deus" na forma humana são tentados, são afastados de suas famílias, são defrontados com os inimigos ou forças ocultas, são colocados em situações que exijam sabedoria para serem resolvidas e, enfim, podem voltar ao lar, ao país de origem, ao seu povo, com a certeza do encontro com aquilo que os moveram em aventuras. Alguns, então, ascendem e ascender, subir aos céus, levitar, ser levado ao encontro do pai celestial, o próprio Deus, é o prêmio que a maioria alcança.

Então encontramos os heróis primordiais, aqueles que serviram de exemplo na perseverança da busca pelo *EU SOU*.

Eles são os primeiros heróis que tempos depois darão origem aos mitos heroicos dos semideuses e mais tarde aos contos de fada. Contos que falam do destino e da vida do herói.

Em Bhagavad-gitã dois irmãos nascidos numa dinastia denominada Kuru, eram descendentes do rei Bharata, um antigo governante da Terra, do qual provém o nome Mahābhārata.

O Mahābhārata é um episódio épico que narra a história do mundo antigo e alude a eventos que se estendem até a presente era, a era de Kali. Foi no início desta era, cerca de cinquenta séculos atrás, que o Senhor Krsna falou o Bhagavad-gitã a Seu amigo e devoto Arjuna.

O orador do Bhagavad-gitã é o Senhor Sri Krsna. Em cada página, Ele é mencionado como a Suprema Personalidade de Deus.

Vemos, então, que o Bhagavad-gitã é instruído a Arjuna porque ele era um devoto do Senhor, um aluno direto de Krsna e Seu amigo íntimo.

Assim, também na religião cristã, Jesus é o próprio filho de Deus encarnado como homem. Também ele caminha lado a lado com seus discípulos e, antes de tudo, amigos, a quem transmite os princípios do Evangelho, os quais, posteriormente à morte Dele, serão escritos e oralmente transmitido aos amigos de Jesus, oralmente pelo próprio Deus.

Os discípulos de Jesus também são alunos diretos. São amigos íntimos.

Tal qual Arjuna vive o épico Mahābhārata, numa luta contra seus familiares e amigos, e, antes de guerrear, necessita meditar sobre esses acontecimentos, cada discípulo de Jesus é levado à reflexão após sua morte e ressuscitação, sobre o porquê dessa luta, o porquê de serem perseguidos e qual a validade dessas ações a serem tomadas.

Lutas com óticas diferentes, questionamentos com conteúdo igual. São nossos irmãos contra os quais lutaremos. São nossos amigos e familiares que nos levarão à morte e ao exílio.

No Gitã dois irmãos devem se tornar Rei. No antigo testamento Esaú e Jacó devem iniciar a nova família do Senhor na Terra Prometida.

São heróis de culturas diferentes vivendo aventuras iguais. A busca de si mesmo através da caminhada e enfrentamento.

Alcorão ou Corão (em árabe: القرآن, transl. AL-Qur'ān, lit. "a recitação") é o livro sagrado do Islã. Os muçulmanos creem que o Alcorão é a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Maomé (Muhammad) ao longo de um período de vinte e três anos. A palavra Alcorão deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar; Alcorão é, portanto, uma "recitação" ou algo que deve ser recitado.

O Alcorão descreve as origens do Universo, o Homem e as suas relações entre si e o Criador. Define leis para a sociedade, moralidade, economia e muitos outros assuntos. Foi escrito com o intuito de ser recitado e memorizado. Os muçulmanos consideram o Alcorão sagrado e inviolável.

Para os muçulmanos, o Alcorão é a palavra de Deus, sagrada e imutável, que fornece as respostas acerca das necessidades humanas diárias, tanto espirituais como materiais. Ele discute Deus e os seus nomes e atributos, crenças e suas virtudes, e o destino dos não-crentes (kuffar); até mesmo temas de ciência.

O Corão, assim também chamado, é um livro de leis e dogmas. Recebido por Maomé, um homem comum, um profeta, mais um amigo de Deus. Mas, as palavras do Corão não vêm diretamente do Senhor, mas de seu Anjo mais querido, Gabriel, o mensageiro, o mesmo que visita Maria, mãe de Jesus, também uma mulher comum.

Místico, visionário e guerreiro, Maomé unificou a península arábica em nome do Islã, que, segundo ele, deveria ser difundido aos confins do mundo. Uma luta, uma guerra, como Arjuna se encontra no Mahabarata.

Maomé nasceu órfão, seu pai morrera pouco antes de seu nascimento. Apesar disso, Maomé desfrutou uma infância alegre no ambiente dos beduínos, sob os cuidados de uma ama-de-leite chamada Halima (literalmente "a doce"). Uma tradição conta que, ainda jovem, enquanto ele guardava os carneiros da família, ocorrera um milagre. Duas aparições luminosas, vestidas inteiramente de branco, aproximaram-se de Maomé e retiraram de seu peito um coágulo de sangue negro que foi atirado para longe.

Narrada pelo Corão, essa história tornou-se uma parábola da purificação divina a que foi submetido o profeta Maomé.

Então, mais um amigo de Deus a receber orientações Dele para escrever um livro sagrado. Um livro com códigos morais e éticos que levará uma civilização inteira à fé. Um amigo que vive experiências sobrenaturais advindas de milagres realizados diretamente por Deus.

Mas Maomé não é apenas mais um homem especial, é um herói, o herói dos muçulmanos, conquistou mundos, uniu povos em nome de seu Deus. Torna-se um mito que viveu uma aventura heróica.

Aqui não cabe a discussão ideológica das religiões, mas apenas, e só apenas, a constatação da origem dos contos heróicos, não a origem primordial, mas a origem histórica, que caminhou durante a humanidade e sobreviveu até os dias de hoje.

Os contos de fada são imortais, assim como os livros sagrados e a vida daqueles que foram diretamente responsáveis por sua origem.

E então chegamos ao Torá (do hebraico תורה, significando instrução, apontamento, lei) é o nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh (também chamados de Hamisha Humshei Torah, חמשה חומשי תורה - as cinco partes da Torá) e que constituem o texto central do judaísmo. Contém os relatos sobre a criação do mundo, da origem da humanidade, do pacto de Deus com Abraão e seus filhos, e a libertação dos filhos de Israel do Egito e sua peregrinação de quarenta anos até a terra prometida. Inclui também os mandamentos e leis que teriam sido dadas a Moisés para que entregasse e ensinasse ao povo de Israel.

Moisés (em hebraico: מֹשֶׁה; moderno: Moshe tiberiano: Mōšé; em grego: Μωϋσῆς, Mōūsēs; em árabe: موسى, Mūsa) foi, de acordo com a bíblia hebraica, alcorão e escrituras da fé Baha'i, um líder religioso, legislador e profeta, a quem a autoria da Torá é tradicionalmente atribuída. Ele é o profeta mais importante do judaísmo, e é também venerado no Cristianismo e Islamismo, assim como em outras religiões.

É o grande libertador dos hebreus, tido por eles como seu principal legislador e mais importante líder religioso. A Bíblia o denomina "o homem mais manso da terra" (Números 12:3). Também é considerado um grande profeta pelos muçulmanos.

De acordo com a Bíblia e a tradição judaico-cristã, Moisés realizou diversos prodígios após uma Epifania. Libertou o povo judeu da escravidão no Antigo Egito, tendo instituído a Páscoa Judaica. Depois guiou seu povo através de um êxodo pelo deserto durante quarenta anos, que se iniciou através da famosa passagem em que Moisés abre o Mar Vermelho, para possibilitar a travessia segura dos judeus. Ainda segundo a Bíblia, recebeu no alto do Monte Sinai as Tábuas da Lei de Deus, contendo os Dez Mandamentos.

Moisés também era um homem comum, um homem que foi considerado especial para o Senhor e como tal ficou com o destino de seu povo em suas mãos. O caminho do herói libertador, aquele que livra seu povo da opressão e que volta para os seus para encontrar o descanso e a morte.

Todos eles até então, tiveram seu nascimento de forma fora do comum e uma vida especial. Arjuna perdeu pai e mãe. Jesus nasceu de Maria, mas era filho de Deus, conheceu seu Pai depois dos 12 anos. Maomé também era órfão, e Moisés foi salvo quando sua mãe o depositou num cesto e deixou que o rio o levasse para a salvação durante o infanticídio de Herodes, foi retirado das águas e sobreviveu. Um herói.

Todos heróis.

### **Conto: O Pequeno Polegar**

*O Pequeno Polegar* (título no Brasil) ou *O Polegarzinho* (título em Portugal) é um antigo conto de fadas europeu. Foi compilado pelo escritor francês Charles Perrault.

O início dessa história lembra um pouco a de João e Maria, os dois irmãos que são abandonados na floresta pelo pai e pela madrasta para não morrerem de fome em casa, mas contando com a "sorte" de encontrar quem os salvasse da morte certa.

Há indícios que a origem do conto tenha sido a história hebraica do pastor Davi, que depois tornou-se rei dos hebreus. Segundo a narrativa, Davi era o filho caçula dentre os sete pastores hebreus. O ogro poderia muito bem ser referência do autor francês ao Rei Saul de Israel, para quem Davi trabalhou antes de tornar-se rei.

Como sempre procuro assinalar, o conto do Pequeno Polegar e o mito de David apresentam similaridades.

As histórias religiosas dos diversos livros sagrados inspiraram muitos escritores e, ainda hoje podemos encontrar suas estruturas nos diversos temas do cinema, da tevê e dos romances.

Mas a mitologia grega também foi inspiradora através dos tempos e o é até hoje.

Há uma incrível semelhança entre a história do pequeno polegar e a de *Chronus*. O Deus primordial que devorava seus filhos com medo de que eles lhe roubassem o poder e a deidade.

O último, Zeus, salvo pela mãe, que, em seu lugar, embrulhou uma pedra em tecido e entregou ao voraz pai, foi o salvador de todos os irmãos. E, libertando os irmãos e a mãe, tornou-se o novo líder de um panteão de deuses quase humanos em seus sentimentos e iniciadores de uma nova era, de um novo tempo. Como Zeus, o pequeno polegar é mais esperto que o Ogro. Ao trocar os gorros dos irmãos e o seu próprio pelas coroas das filhas do monstro, ele salva sua vida e acaba com a soberania do Ogro.

O pequeno polegar não é um menino incomum por ser pequeno, mas por ter nascido muito doente e sem esperança de que vingasse, cresceu pouco em tamanho, mas com uma inteligência enorme, ambos incomuns para uma família pobre, que passava fome, e para um menino raquítico.

Goliath tampouco era um Ogro gigante, mas devia sofrer de gigantismo o que deixa a pessoa portadora desta síndrome com lentidão na execução de suas tarefas em virtude do peso que lhes é demasiado grande. Também David não deveria ser um jovem de estatura tão pequena quanto o polegar, mas era tão sagaz e astuto quanto e possuía o manejo de uma arma de guerra muito comum naquela época, que hoje se parece muito com o bodoque do interior do Brasil.

Um arremesso certeiro na cabeça do inimigo podia trazer consequências devastadoras pela força e pela velocidade da pedra lançada, ou levar-lhe até a morte. Como naquela época a medicina não existia como conhecemos, traumas cranianos e cerebelares não tinham salvação e muitos ainda eram enterrados vivos por entrar em coma profundo.

Pequeno Polegar, David, Zeus, filhos mais novos de uma grande prole, amaldiçoados pela miséria afetiva de seus pais ou material da família, são obrigados a procurar alternativas para fazer com que todos aqueles os quais eles acreditavam depender deles, sobrevivam, resistam, e alcancem a prosperidade e a fartura.

Zeus tornou-se o Maior Deus do Panteão Grego.

David tornou-se o primeiro Rei dos Judeus.

O Pequeno Polegar tornou-se um homem próspero e rico, um herói em sua família.

Mas só isso não bastaria para que alcançassem a vitória. Zeus contou com a ajuda da mãe que o trocou por uma pedra. David contou com o bodoque para acertar a frente do inimigo a ponto de derrubá-lo e com a queda levando-o à morte, ao que descreve a Bíblia. E o Pequeno Polegar contou com a ajuda da maçaneta do castelo do Ogro e das botas mais rápidas do mundo.

A maçaneta é um ornamento em formato, geralmente, redondo, ela tem como prefixo a palavra *maçã* + *eta*, e como sabemos, anteriormente, a maçã é tida como a fruta da libertação através do conhecimento, em diversas culturas.

Esta na Bíblia, esta na Mitologia Grega, esta no conto da Branca de Neve e também em um conto popular chamado a Serpente Branca.

O conhecimento é bom, é libertador, por isso, a maçaneta não deve, mas ajuda ao pequeno polegar a atravessar o portal para sua mudança, vivenciando seu rito de passagem, e tornando-se um homem, gigante em seu interior, um herói.

Mas ele não quer parar, precisa tomar posse de todo o conhecimento a respeito de si mesmo e partir mundo a fora para poder crescer.

As botas que permitem a fuga rápida se ajustam perfeitamente aos seus pés. É uma bota encantada, e por sê-lo, fará exatamente o que o herói precisa. Ajusta-se aos seus pequenos pés e o torna o homem mais veloz do mundo.

Segundo o dicionário Michaelis:

*“bo.ta -sf (fr botte) 1 Calçado de couro, que abrange uma parte da perna. 2 Tonel com capacidade de três quartos de pipa. 3 Dificuldade, obstáculo. B. alta: bota com cano até os joelhos ou acima deles. B. de água: botas impermeáveis, cujo cano cobre a coxa. B. de garrão: bota de couro verde, de vaca ou de potro, usada por domadores e peões. B. de montar: bota de cano largo até o joelho, para calçar por cima da calça, ou com calção de meia. Bater a bota, ou bater as botas: morrer. Descalçar a bota: sair de uma entalada, vencer uma dificuldade. Meter as botas em: criticar acerbamente, falar mal de. Onde Judas perdeu as botas: lugar muito distante (em sentido pilhérico). De origem francesa a palavra bota, no francês: botte quer dizer: 1 bota. 2 braçada, ramallete, buquê. 3 Sp golpe de espada dada no adversário, segundo as regras”*

Para vencer o obstáculo é necessário golpear o adversário. E o golpe maior do Pequeno herói foi fazer com que o arquétipo do pai devorador, encontrasse com sua própria *ânim*a. É um golpe fatal para quem escondia suas lindas princesas sem mostrar-lhes a face e corando-lhes sem querer vê-las.

Vencedor resta ao herói tomar o rumo mundano e ganhar fama e fortuna, afinal esse é o destino de todos os heróis.

Uma vez atravessando o portal, nunca mais tornará a ser o mesmo, mas precisará seguir adiante e vencer sozinho, para retornar triunfante e vitorioso ao lar.

## **Conclusão**

Neste breve relato dos estudos dos diversos Livros Sagrados e da discussão do conto O Pequeno Polegar, pode-se degustar a importância simbólica presente na analogia entre o tema central do herói e sua jornada, e os mitos heroicos religiosos.

Os arquétipos presentes no inconsciente coletivo, refletidos nas produções artísticas em arteterapia e as projeções imagéticas estimuladas através do uso dos contos tem sua compreensão aprofundada pelo conhecimento e pelas correlações entre estes e aqueles.

Se o simbolismo presente nos arquétipos heroicos religiosos podem ser identificados e compreendidos através de suas correlações com os heróis dos contos, também seu conhecimento torna-se favorecedor da compreensão do caminho e da jornada heroica do criador e de sua obra em ateliê terapêutico.

Desta forma, esse artigo teve a pretensão de correlacionar estudos e leituras dos Livros Sagrados e seus personagens centrais, com os pequenos e bravos heróis que caminharam durante anos, de boca em boca, em histórias, contadas e recontadas, até ganhar o status de conto eternizados por seus primeiros compiladores.

#### 4 – PRESENÇA INCONDICIONAL PARA RESGATAR A CRIANÇA INTERIOR

**Gabriela Murgo<sup>5</sup>**

##### Unconditional presence for rescue child inside

##### Presencia incondicional para rescatar al niño interior

Partindo da base de que aquele que pede ajuda é sempre a criança ferida. Este é um trabalho importante para todas as pessoas, ainda mais para os terapeutas.

A nossa infância é o perfeito canal para a nossa autenticidade; ela nos liga com a criatividade, a espontaneidade e a alegria de viver. Todos têm uma criança no interior. É a parte que você é capaz de amar, a sua mais sensível é a parte mais vulnerável, assim ela é ferida com facilidade. E fechamos nosso peito pra não sofrer; e com ele o caminho da autenticidade fica obturado, presos por necessidades não satisfeitas na infância, feridas abertas no presente que se recriam nas relações, especialmente com nossos parceiros e filhos. Neles colocamos a ilusão da reparação.

Todos nós temos a experiência de nossa criança ferida, quando sentimos a ausência da presença amorosa dos pais quando necessitávamos dos seus cuidados. Mas os pais também têm seus limites, tem carências que são repetidas se não são curadas. Hoje quando esta ferida bate forte, não podemos esperar nossos pais que venham nos assistir. Hoje somos nós mesmos que temos de nos acudir; o adulto que vive dentro de nós pode e deve assistir quando a ferida doe, assim seremos protagonistas de nosso próprio destino!

A maior parte dos problemas de relacionamento é a ideia de que não somos suficientes, que alguma coisa eu tenho que mudar pra ser merecedor de amor. Então criamos uma personalidade pra procurar amor e ocultar o dor original. Mais assim tudo o amor que vem em sua vida é só pra o personagem construído. Só resgatando a dor que fico trás a personalidade, por amor no desamor, poderemos ser autênticos.

Todo o que você precisa é amor. O amor é a fonte de todo o criado mais a desconexão primeira com ela é o problema. Conectando com ela resgata a criança interior e trabalhando pra ser adultos mais amorosos e confiáveis, escutamos o que precisa nossa criança hoje. Seja qual for o sofrimento da nossa infância, nossa criança pode ser cuidada e curada. Ela merece mesmo! E precisa disso pra voltar ter o peito aberto!

A dor que tanto assusta, desaparece para preenchê-lo com esta presença. Quando eu habito o vazio aparece uma doce sensação de paz, porque eu estou me acompanhando e sei que quando eu me sinto sozinho, ele é desconectado, me paraliso ou fico indiferente. É para registrar que eu agora posso contar comigo e muito bom!! Gera uma presença de amor incondicional a você mesmo que só você pode te dar, é você a única pessoa que pode ficar com você mesmo 24 horas, não é?

No resumo: O trabalho é duplo, por um lado com nossa parte adulta (favorecer o cultivo de uma presença incondicional para nós mesmos), por outro com a criança que ainda vive em nos (facilitar a consciência de que hoje eu posso com a dor emocional então passar de procurar o apoio externo ao apoio de si mesmo).

Ter presença incondicional é aprender a ser o melhor amigo de si mesmo. Resgatar a criança interior é sanar o coração pra voltar-se enamorar da vida. Ao curar suas feridas você muda o significado do passado, desfruta o presente e transforma seu futuro!

#### Bibliografia

MURGO, G. **GESTAR SE Resgatar a criança interior**. Rio de Janeiro: Semente Editorial, 2013.

PERLS, F. **El enfoque gestáltico**. Buenos Aires: Cuatro Vientos, 2001.

BRADSHAW, J. **Nuestro niño interior**. Espanha: Divulgacion, 2013.

<sup>5</sup>Psicóloga na Universidade Católica Argentina. Pós-graduação em Terapia Gestalt. Diretora da primeira Diplomatura em Gestalt na Argentina, Universidade Aberta Interamericana. Expositora “Sanando a criança interna” no XI - XII Congresso Internacional de Gestalt e III - IV Congresso Latino-americano de Arte terapia. [info@gabrielamurgo.com.ar](mailto:info@gabrielamurgo.com.ar) / [www.gabrielamurgo.com.ar](http://www.gabrielamurgo.com.ar)

WELWOOD, J. **Psicología del despertar**. Buenos Aires: Kairós, 2002.

ABRAMS, J. et al. **Recuperar el niño interior**. Buenos Aires: Kairós, 2006.

## RESUMO TESE E DISSERTAÇÃO

## 5 – NOVA BIBLIOGRAFIA ATUALIZADA DE ARTETERAPIA NO BRASIL-2014

Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres<sup>6</sup>**Resumo:** Este trabalho procura atualizar os leitores quanto à publicação sobre Arteterapia no Brasil.**Palavras-chave:** Arteterapia; Ensino; Bibliografia.**New up-to-date Art therapy's bibliography in Brazil****Abstract:** This work searches to update the readers regarding the publication about Art therapy in Brazil.**Key words:** Art Therapy; Teaching; Bibliography.**Nueva bibliografía actualizada de Arteterapia en Brasil****Resumen:** Este trabajo busca actualizar a los lectores en cuanto a la publicación sobre Arteterapia en Brasil.**Palabras clave:** Arteterapia; Enseñanza; Bibliografía.**A - LIVROS de Arteterapia publicados no Brasil:**A.1) ACAMPORA, B.; ACAMPORA, B. **170 técnicas arteterapêuticas: modalidades expressivas para diversas áreas.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.A.2) ALLESSANDRINI, C. D. **Análise microgenética da oficina criativa: projeto de modelagem em argila.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Arteterapia).A.3) \_\_\_\_\_. **A vida de uma grande garota: Luciana Chéde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. (Coleção Arteterapia).A.4) \_\_\_\_\_. **Oficina criativa e psicopedagogia.** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.A.5) ALLESSANDRINI, C. D. (Org.). **Tramas criadoras na construção de “ser si mesmo”.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.A.6) ALVES, F. **Técnicas expressivas em Arteterapia: o encanto das fábulas ao encontro com a alma.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.A.7) ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.A.8) ARAUJO, M. M.; SANTOS, R. B. **Arteterapia transpessoal.** Recife: Comunigraf, 2010.A.9) ARCURI, I. G. **Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal.** São Paulo: Vetor, 2006.A.10) \_\_\_\_\_. **Memória corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida.** São Paulo: Vetor, 2004.A.11) ARCURI, I. G. (Org.) **Arteterapia de corpo & alma.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.A.12) \_\_\_\_\_. **Arteterapia: um novo campo do conhecimento.** São Paulo: Vetor, 2006.

<sup>6</sup> Arteterapeuta e enfermeira em saúde mental. Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Universidade de Brasília. Membro do Conselho Diretor da Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA). Coordenadora do Conselho Editorial da Revista Científica Arteterapia Cores da Vida (GO) Trabalha há 19 anos com Arteterapia na Saúde, desenvolvendo projetos de ensino, pesquisa e extensão na área. E-mail: aclaudiaval@terra.com.br



- A.13) ARCURI, I. G.; DIBO, M. **Arteterapia e mandalas: uma abordagem junguiana**. São Paulo: Vetor, 2010.
- A.14) AARJ (Org.). **Estudos em Arteterapia: diferentes olhares sobre a arte**. Rio de Janeiro: WAK, 2009. Vol.1.
- A.15) \_\_\_\_\_. **Caderno de Arteterapia: a arte facilitando novos caminhos na busca do ser**. Rio de Janeiro: WAK, 2011. Vol.2.
- A.16) \_\_\_\_\_. **Caderno de Arteterapia: a arte e a criatividade promovendo saúde**. Rio de Janeiro: WAK, 2013. Vol.3.
- A.17) BARREIRA, M.; BRASIL, N. **Arteterapia e a história da arte: técnicas expressivas e terapêuticas**. Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- A.18) BELLO, S. **Pintando sua alma: método de desenvolvimento da personalidade criativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2004.
- A.19) BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: temas Centrais em Arteterapia**. São Paulo: Editora da Autora, 2008. Vol. 1.
- A.20) \_\_\_\_\_. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: mitologia indígena e Arteterapia, a arte de trilhar a roda da vida**. São Paulo: Ed. do autor, 2009. Vol.2.
- A.21) \_\_\_\_\_. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: mitologia africana e Arteterapia, a força dos elementos em nossa vida**. São Paulo: Ed. do autor, 2009. Vol.3.
- A.22) \_\_\_\_\_. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: Arteterapia e mitologia Criativa: orquestrando limiares**. São Paulo: Ed. do autor, 2010. Vol.4.
- A.23) \_\_\_\_\_. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: A alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia: criatividade, transformação e individualização**. São Paulo: Editora do autor, 2010. Vol.5.
- A.24) \_\_\_\_\_. **A prática da Arteterapia: correlações entre temas e recursos: Amor, sexualidade, o sagrado e a Arteterapia: aproximações mitológicas entre Oriente e Ocidente**. São Paulo: Arterapinna, 2011. Vol.6.
- A.25) BITTENCOURT, D. **Diagnóstico intervencionista em Arteterapia: dinâmicas psicoartísticas e criatividade expressiva**. Rio de Janeiro: WAK, 2014.
- A.26) BLAUTH, L.; WOSIACK, R. M. R. (Orgs.). **Arte e psicologia: intervenções possíveis**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2007.
- A.27) BLAUTH, L.; WOSIACK, R. M. R. (Orgs.). **Terapias expressivas ou Arteterapia: vivências por meio da arte**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2006.
- A.28) BRANCO, S. **Deuses e fadas: Arteterapia e arquétipos no dia-a-dia**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.29) BRASIL, C. **Cores, formas e expressão: emoção de lidar e Arteterapia na clínica junguiana**. Rio de Janeiro: WAK, 2013.
- A.30) BROWN, D. **Fundamentos de Arteterapia**. São Paulo: Vitória Régia, 2000.
- A.31) CARNEIRO, C. **Arte, neurociência e transcendência**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.32) CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. São Paulo: Livro Pleno, 2004.
- A.33) CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- A.34) CHRISTO, E. C.; SILVA, G. M. D. **Criatividade em Arteterapia: pintando & desenhando, recortando, colando & dobrando**. Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.35) CIORNAI, S. **Da contracultura à menopausa**. São Paulo: Oficina de Textos, 1999.

- A.36) \_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: Arteterapia e educação, Arteterapia e saúde.** São Paulo: Summus, 2005. Vol. 64. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.37) \_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia.** São Paulo: Summus, 2004. Vol. 62. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.38) \_\_\_\_\_. **Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, Arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, Arteterapia e história da arte.** São Paulo: Summus, 2004. Vol. 63. (Coleção Novas Buscas em Psicoterapia).
- A.39) COLAGRANDE, C. **Arteterapia na prática: diálogos com a arte-educação.** Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.40) COSTA, R. X. (Org.). **Arteterapia & educação inclusiva: diálogo multidisciplinar.** Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.41) COUTINHO, V. **Arteterapia com crianças.** Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.42) \_\_\_\_\_. **Arteterapia com idosos: ensaios e relatos.** Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.43) DINIZ, L. (Org.). **Mitos e arquétipos na Arteterapia: os rituais para se alcançar o inconsciente.** Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.44) FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- A.45) FIGUEIREDO, R. R. **A criação e o brincar em Arteterapia: mulheres em obra.** Curitiba: CRV, 2012.
- A.46) FINIMUNDI, M. R. L. **Arteterapia: educação e saúde.** Caxias do Sul, RS: Editora da Autora, 2008.
- A.47) FORESTIER, R. **Tudo sobre a Arte-terapia: as bases científicas de uma profissão, a originalidade de uma prática terapêutica, seu estatuto profissional.** Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011. (Coleção Psi-atualidades).
- A.48) FORTUNA, S. M. C. B. **Doença de Alzheimer, qualidade de vida e terapias expressivas.** 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2005.
- A.49) FRANCISQUETTI, A. A. (Org.). **Arte Medicina.** São Paulo: Médica Paulista, 2005.
- A.50) \_\_\_\_\_. **Arte-Reabilitação.** São Paulo: Memno, 2011.
- A.51) GAETA, I. **Psicoterapia Junguiana novos caminhos na clínica: o uso do desenho de mandalas e calatonia.** São Paulo: Vetor, 2010.
- A.52) GIORDANO, A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura.** São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- A.53) GOLINELI, R.; SANTOS, W. A. S. **Arteterapia na educação especial.** Goiânia: Editora do Autor, 2002.
- A.54) GUTTMANN, M. **O imaginário da criança dentro de nós através da literatura e da Arteterapia.** São Paulo: Paulus, 2011.
- A.55) GUIMARÃES, G. N. (Org.). **Arteterapia e educação: a arte de tecer afetos e cuidados.** Porto Alegre: Laçus, 2009.
- A.56) HAUSCHKA, M. **Contribuições para uma atuação terapêutica.** 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003. (Coleção Terapia Artística).
- A.57) \_\_\_\_\_. **Natureza e tarefa da pintura terapêutica.** 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003. (Coleção Terapia Artística).
- A.58) KIYAN, A. M. M.; BONANTE, R. (Org.) **Arte como espelho: experimentos em arte-terapia gestáltica.** São Paulo: Altana, 2006.
- A.59) LOPES, C. P. **Memórias da pele: Arteterapia como intervenção na depressão.** Recife: Libertas, 2012.

- A.60) \_\_\_\_\_. **Práticas criativas de Arteterapia como intervenção na depressão: memórias da pele.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- A.61) LOPES, C. P.; GRAUPEN, A. **Corpoético: Arteterapia na expressão cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- A.62) MACIEL, C; CARNEIRO, C. **Diálogos criativos entre Arteterapia e a psicologia junguiana.** Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- A.63) MEDEIROS, A.; BRANCO, S. **Contos de fada: vivências e técnicas em Arteterapia.** Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.64) MELO, P. F. B. C.; DIAS, R. C.; FREIRE, W. **Medicina humanizada com arte.** Recife: EDUPE, 2010.
- A.65) MONTEIRO, D. M. R. et al. **Arteterapia: arquétipos e símbolos.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.66) MURGO, G. **Gestar-se – resgatar a criança interior: gestalt e Arteterapia.** Rio de Janeiro: Semente, 2013.
- A.67) OLIVIER, L. **Psicopedagogia e Arteterapia: teoria e prática na aplicação em clínicas e escolas.** Rio de Janeiro: WAK, 2007.
- A.68) ORMEZZANO, G. **Educação estética, imaginário e Arteterapia.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.69) ORMEZZANO, G. (Org.). **Educar com Arteterapia: propostas e desafios.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.
- A.70) \_\_\_\_\_. **Questões de Arteterapia.** 2. ed. Passo Fundo, RS: UPF, 2005.
- A.71) PAIN, S.; JARREAU, G. I. **Teoria e técnica da Arte-terapia: a compreensão do sujeito.** 2. reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- A.72) PAIN, S. **Os fundamentos da Arteterapia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- A.73) PHILIPPINI, A. **Grupos em Arteterapia: redes criativas para colorir vidas.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.
- A.74) \_\_\_\_\_. **Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.75) \_\_\_\_\_. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem.** Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.76) \_\_\_\_\_. **Reencantamentos para libertar histórias.** Rio de Janeiro: WAK, 2005.
- A.77) PHILIPPINI, A. (Org.) **Arteterapia em revista.** Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.78) \_\_\_\_\_. **Arteterapia: métodos, projetos e processos.** Rio de Janeiro: WAK, 2007.
- A.79) \_\_\_\_\_. **Arteterapia: campos de atuação.** Rio de Janeiro: WAK, 2012.
- A.80) REISIN, A. **Arteterapia: semânticas e morfologias.** São Paulo: Vetor, 2006.
- A.81) RHYNE, J. **Arte e gestalt: padrões que convergem.** São Paulo: Summus, 2000.
- A.82) RILEY, S. **Arteterapia para famílias.** São Paulo, Summus, 1998.
- A.83) ROCHA, D. L. C. **Brincando com a criatividade: contribuições teóricas e práticas na Arteterapia e na educação.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.84) SANTA CATARINA, M. **Mandala: o uso na Arteterapia.** Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- A.85) SANTOS, D. P. **Psicopedagogia dos fantoches: o jogo de imaginar, construir e narrar.** São Paulo: Vetor, 2006.
- A.86) SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagadoni, 2011.

- A.87) SEI, M. B.; GONÇALVES, T. F. (Orgs.). **Arteterapia com grupos: aspectos teóricos e práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- A.88) SILVA, L. P. B. (Org.) **Bruxas e fadas, sapos e príncipes: os contos de fadas em experiências arteterapêuticas**. Rio de Janeiro: WAK, 2006.
- A.89) SIMÕES, M. **Intervenções Clínicas: Ação integrada com a Fonoaudiologia, a Psicopedagogia, a Arteterapia, a Psicanálise e outros saberes**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.
- A.90) SPERLING, R. **Arteterapia e Relacionamento Intergeracional**. São Paulo: Sperling Studium, 2010.
- A.91) SOUZA, O. R. **Longevidade com criatividade: Arteterapia com idosos**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2005.
- A.92) TOMMASI, S. M. B. **Arte-terapia e loucura: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos**. São Paulo: Vetor, 2005.
- A.93) TOMMASI, S. M. B. (Org.) **Arteterapeuta: um cuidador da psique**. São Paulo: Vetor, 2011.
- A.94) \_\_\_\_\_. **Revisando a ética com múltiplos olhares**. São Paulo: Vetor, 2005.
- A.95) TOMMASI, S.; MINUZZO, L. **Origami em educação e Arteterapia**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- A.96) TOMMASI, S.; ORMEZZANO, G. (Orgs.). **Envelhecendo com sabedoria**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- A.97) URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: WAK, 2003.
- A.98) \_\_\_\_\_. **Interpretando imagens: transformando emoção**. Rio de Janeiro: WAK, 2006.
- A.99) VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia humanizando os espaços de saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- A.100) VALLADARES, A. C. A. (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004.
- A.101) VICTORIO, M. **Impressões sonoras: música em Arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2008.
- A.102) WOSIACK, R. M. R. **Intervenções expressivas no contexto terapêutico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

## B - REVISTAS e JORNAIS de Arteterapia publicadas no Brasil:

- B.1) **Revista de Arteterapia: Imagens da transformação**. Rio de Janeiro-RJ: Clínica Pomar.
- B.2) **Revista Arte-Terapia: Reflexões**. São Paulo-SP: Instituto Sedes Sapientiae.
- B.3) **Arteterapia em Revista**. Porto Alegre-RS: Centrarte.
- B.4) **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida** [On-line]. Goiânia-GO: Associação Brasil Central de Arteterapia. Disponível gratuitamente pelo site: <http://www.brasilcentralarteterapia.org> ou solicitar pelos e-mails: [aclaudiaval@terra.com.br](mailto:aclaudiaval@terra.com.br) ou [arteterapia.goias@gmail.com](mailto:arteterapia.goias@gmail.com)
- B.5) **Revista de Arteterapia da AATESP** [On-line]. São Paulo-SP: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. Disponível gratuitamente pelo site: <http://www.aatesp.com.br/material/RevistaArteterapiaAATESP>
- B.6) **Jornal da Arteterapia**. Salvador-BA: Associação Baiana de Arteterapia (ASBART), postado na web <http://pt.calameo.com/read/000705073a000a25c21cf>